

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE HISTÓRIA**

**ANDERSON SÁ DE ASEVEDO**

**AS RELAÇÕES ENTRE ROMANOS E VISIGODOS EM JORDANES:**

*PERSPECTIVAS TARDO-ANTIGAS.*

**CHAPECÓ**

**2023**

**ANDERSON SÁ DE ASEVEDO**

**AS RELAÇÕES ENTRE ROMANOS E VISIGODOS EM JORDANES:**

*PERSPECTIVAS TARDO-ANTIGAS.*

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Renato Viana Boy

**CHAPECÓ**

**2023**

## **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Asevedo, Anderson Sá de

AS RELAÇÕES ENTRE ROMANOS E VISIGODOS EM JORDANES::  
PERSPECTIVAS TARDO-ANTIGAS. / Anderson Sá de Asevedo. --  
2023.

54 f.:il.

Orientador: Doutor Renato Viana Boy

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2023.

1. Jordanes. 2. Visigodos. 3. Antiguidade Tardia. 4.  
Transformações. 5. Identidade. I. Boy, Renato Viana,  
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.  
Título.

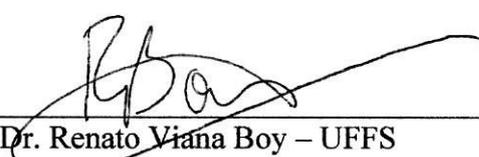
**ANDERSON SÁ DE ASEVEDO**

**AS RELAÇÕES ENTRE ROMANOS E VISIGODOS EM JORDANES:  
PERSPECTIVAS TARDO-ANTIGAS.**

Trabalho de conclusão do curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção do  
grau de Licenciatura em História da Universidade  
Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 13/07/2023

**BANCA EXAMINADORA**



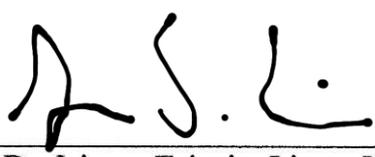
---

Prof. Dr. Renato Viana Boy – UFFS  
Orientador



---

Prof. Dr. Délcio Marquetti. – UFFS  
Avaliador



---

Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino – UFFS  
Avaliador

## AGRADECIMENTOS

Quem diria que em 2023 estaria tendo a expectativa e ansiedade de viver esse final de ciclo. Olhando para trás vejo uma série de mudanças de uma pessoa que, inicialmente, morava no interior da Bahia e que de uma hora para outra teve que mudar para o sul do país, num espaço totalmente distinto e culturalmente diferente. São situações, que inicialmente pareciam ser amedrontadoras, mas que hoje vejo que foram mudanças necessárias para minha evolução como pessoa.

Colocar numa ordem hierárquica de agradecimentos é uma tarefa ingrata e injusta, já que provavelmente estarei esquecendo muitos nomes que passaram por mim ao longo desses 5 anos, mas que didaticamente fica mais fácil de organizar. Dito isso, em primeiro lugar eu agradeço do fundo do coração a meus pais Ademir e Maria Anunciada, a minha madrinha Euzita e também a minha prima Eudenia que fizeram o possível e o impossível para que pudesse estar aqui. E também meu agradecimento especial à tia Carmem e tio José, que me ajudaram no processo de escrita desse trabalho, ao cederem sua casa para que pudesse fazer a primeira parte do TCC, num ambiente mais calmo durante as férias. Meu muito obrigado, vocês foram vitais nesse processo.

A meus amigos "Das Antigas", Fernando Taynã, Leonel, Junin, Manoel, Mauricio, Lucas Tassio, Breno e Ian, que me apoiaram muito nessa decisão e também pela parceria ao longo desses anos.

A Maiara Indiana, minha namorada, que chegou há pouco tempo, mas que está sendo muito importante nesses momentos finais. Obrigada, pela parceria, por me ouvir, aturar minhas ansiedades, pessimismo e por acreditar em mim, mesmo em momentos que nem eu mesmo acreditava.

Não poderia esquecer-se das amigadas que fiz ao longo de minha graduação. Por exemplo, a Alessandra, que me ajudou muito ao longo da graduação e me salvou de cada aperto ali (HaHa). A Sandra, minha parceira de trabalhos e de sobrevivência nesse meio acadêmico turbulento e às vezes excludente, obrigado por me ouvir e compartilhar das angústias e preocupações da vida. Ao Cassiano, garoto mais inteligente do curso, onde pude compartilhar de boas conversas, conhecimento, além de boas resenhas e também os desesperos acadêmicos. Meu muito obrigado a todos vocês.

Também não poderia me esquecer de outros colegas que me ajudaram com assistência ou sendo parceiros nessa luta, como o Wazlawick e Jhonny, o Vaz, a Mariana, além da Jaíne,

Janine e a Renata. Meu muito obrigado, mesmo que alguns tenham se afastado, seja pelo direcionamento de vida ou escolhas mesmo. Também agradecer aos meus veteranos e calouros do meu curso e outras pessoas que conheci ao longo da graduação e que me ajudaram de alguma maneira nesse processo, seja pelo conhecimento ou troca de experiências.

Agradeço também aos professores do meu curso, ao Renato, meu orientador, que aceitou o desafio desse projeto de pesquisa, e, posteriormente, trabalho de conclusão de curso. Obrigado por me ajudar muito com suas orientações, conhecimento, que certamente levarei para o resto da vida e também tendo paciência comigo. Aos professores Délcio, Renilda, Bruno e também uma saudação especial à Viviani, professora substituta dos estágios. Obrigada por essa transmissão do saber que será muito importante em nossa nova jornada enquanto futuros pesquisadores e/ ou professores.

Não poderia esquecer também de um agradecimento especial a Universidade Federal da Fronteira Sul, por me possibilitar a oportunidade de realizar um de meus sonhos, que era ser historiador. Obrigado por me proporcionar um grande conhecimento de mundo e vivência de outros espaços, que não conhecia anteriormente. Mas principalmente, por lutar pela permanência de seus estudantes, através dos auxílios estudantis, que são vitais nesse processo acadêmico.

E também meu muito obrigado a você, caro leitor, que está tirando um pouco do seu tempo para conhecer um pouco do meu trabalho ou que também tenha feito parte desse processo, mas que não tenha sido mencionado anteriormente, sinta-se parte disso também.

*“A sorte favorece os destemidos”. (Alexandre, O Grande).*

*“Nada é impossível para aquele que persiste”. (Alexandre, O Grande).*

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema a formação das identidades no período tardo-antigo, compreendendo essas formações, a partir das relações romano-visigóticas, entre os séculos IV e V a partir da *Gética* de Jordanes, historiador do Império Bizantino do século VI. A obra é um relato histórico, publicada originalmente, por volta de 550, em Constantinopla, intitulada: *De origine actibusque Getarum*. Pretende-se analisar a partir da *Gética* de Jordanes quais eram as perspectivas do autor sobre as relações romano-visigóticas, em especial entender como os visigodos eram tratados nessa fonte. Principalmente, com base no autor, como podemos vincular uma identidade visigótica tardo-antiga. Portanto, partimos do pressuposto que a formação dessa identidade visigótica no século V e VI é uma construção política, que responde às necessidades e interesses de seus líderes descritos na *Gética*. A metodologia utilizada envolve análise documental, onde usaremos a versão espanhola da *Gética*, intitulada: *Origen y gestas de los godos* (2017), editada e traduzida por José María Sánchez Martín. Além disso, trabalharemos dois conceitos importantes nessa pesquisa a partir da “Antiguidade Tardia” e “Identidade”. No primeiro conceito utilizaremos Peter Brown para ajudarmos na compreensão sobre o período, além de uma definição conceitual de Antiguidade Tardia a partir de sua obra *The World of Late Antiquity* (1971). Já o segundo conceito, pensaremos a construção identitária de romanos e bárbaros nesse período, a partir da historiografia, onde utilizaremos as noções de identidade em Walter Goffart, Walter Pohl e Patrick Geary para pensar essas questões.

**Palavras-chave:** Jordanes, Visigodos, Antiguidade Tardia, Identidade, Transformações.

## ABSTRACT

The present work has as its theme the formation of identities in the late-ancient period, comprising these formations, from the Roman-Visigoths relations, between the fifth and sixth centuries from the *Gética* of Jordanes, historian of the Byzantine Empire of the sixth century. The work is a historical report, originally published around 550, in Constantinople, entitled: *De origine actibusque Getarum*. It is intended to analyze from Jordanes *Gética* what were the author's perspectives on Roman-Visigothic relations, in particular to understand how the Visigoths were treated in this source. Mainly, based on the author, how can we link a late-ancient Visigothic identity. Therefore, we assume that the formation of this Visigothic identity in the fifth and sixth centuries is a political construction, which responds to the needs and interests of its leaders described in *Gética*. The methodology used involves documental analysis, where we will use the Spanish version of *Gética*, Entitled: *Origen y gestas de los godos* (2017), edited and translated by José María Sánchez Martín. Furthermore, we will work two important concepts in this research from "Late Antique" and "Identity". In the first concept we will use Peter Brown to help in understanding the period, in addition to a conceptual definition of Late Antiquity from his work *The World of Late Antiquity* (1971). As for the second concept, we will think about the identity construction of Romans and barbarians in this period, based on historiography, where we will use the notions of identity in Walter Goffart, Walter Pohl and Patrick Geary to think about these issues.

**Keywords:** Jordanes, Visigoths, Late Antiquity, Transformations, Identity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Lista dos reis visigodos ao longo da história: .....	18
Figura 2 – Mapa das migrações góticas.....	19
Figura 3 – Mapa dos reinos visigodos e ostrogodos no século IV .....	21

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>ASPECTOS TEÓRICOS DA PESQUISA.....</b>	<b>15</b>
2.1	GÉTICA: UMA BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE JORDANES E SUA OBRA: .....	15
2.2	OS VISIGODOS.....	19
2.3	ANTIGUIDADE TARDIA E IDENTIDADE: DOIS CONCEITOS EM DISCUSSÃO.....	22
2.3.1	ANTIGUIDADE TARDIA: UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DE PETER BROWN.....	22
2.3.2	UM OLHAR HISTORIOGRAFICO ACERCA DA IDENTIDADE.....	26
<b>3</b>	<b>A GÉTICA: O QUE NOS DIZ JORDANES SOBRE UMA IDENTIDADE GÓTICA?.....</b>	<b>33</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Dentro das áreas, em que a História tem seu campo de estudo, esta pesquisa busca trabalhar com a transição entre a antiguidade e o medievo, período, denominado historiograficamente de “Antiguidade Tardia”. Esse período é caracterizado por suas próprias particularidades, uma vez que “[...] não podemos mais chamar de Antiguidade Clássica, tampouco olhá-la como Idade Média”. (GREIN, 2009, p. 107-108). Tal definição também é usada pelos historiadores para descrever tanto o contexto europeu Ocidental, quanto o mundo Mediterrâneo. Um dos recortes temporais que são utilizados para compreensão desse período, é entre os séculos III a VIII, tidos “como um período longo, distinto e autônomo, englobando os últimos séculos da Antiguidade e os primeiros da Idade Média”. (OLIVERIA, 2007, p. 125). O criador dessa perspectiva, e que vai inaugurar as discussões sobre a Antiguidade Tardia é Peter Brown, em sua obra, *The World of Late Antiquity: From Marcus Aurelius To Muhammad (1971)*.<sup>1</sup> Partindo da perspectiva de transformação, esse clássico, nos ajuda a compreender as mudanças desse período a partir da desestruturação política do Império Romano, no Ocidente e a tentativa de recuperação dos territórios por parte dos bizantinos, até a ascensão do islamismo.

Neste sentido, este trabalho focará em compreender a construção identitária dos visigodos entre os séculos V e VI, na perspectiva de Jordanes, em *De origine actibusque Getarum, Getarum, ou Gética*. A obra foi publicada por volta de 550, em Constantinopla, sendo considerado um importante documento no que diz respeito às narrativas dos povos góticos. Pois, a obra tem como eixo central de suas narrativas, abordar sobre a origem dos godos, assim como seus feitos ao longo da História. Ou seja, estamos lidando com uma obra do gênero narrativo da História<sup>2</sup>.

Tal obra é de autoria de Jordanes, as informações que se tem sobre o autor, como pontua o tradutor da versão em espanhol da obra, José Maria Sánchez Martín, são cercadas de grandes mistérios, o que, por conseguinte, dificulta traçar um perfil bibliográfico dele. E, o pouco que se tem de informações sobre Jordanes “[...] deve ser extraídos de detalhes específicos que pontilham sua própria obra e que podem ser interpretados de várias maneiras”. (MARTÍN, 2017, p. 7). Sendo assim, com o pouco que podemos resumir para esta parte é que Jordanes era um historiador do Império Bizantino, que viveu no século VI, membro da corte de Justiniano, mas precisamente, em um cargo que remete a função de um

<sup>1</sup> Falaremos com mais aprofundamento no tópico 2.3.1.

<sup>2</sup> Ver BOY, 2019, p. 5.

secretário<sup>3</sup>. Sobre, suas publicações, antes da *Gética*, o autor foi responsável pela escrita de outra obra, intitulada: *De Summa Temporum uel Origine Actibusque Gentis Romanorum*<sup>4</sup>. Também chamada comumente de *Romana*. No geral, a obra resumia “[...] a história universal que pode ser enquadrada em um gênero misto a meio caminho entre o do breviário ou epítome e o gênero historiográfico da crônica”. (MARTÍN, 2017, p. 11).

A fonte aqui utilizada será importante em nossa pesquisa, primeiro, devido à sua relevância para historiografia, pois atualmente, a *Gética* é um dos poucos relatos tardo-antigos que ainda sobreviveram ao tempo<sup>5</sup>. Ademais, “a versão de Jordanes da inclusão dos godos na historiografia clássica estabeleceu o modelo que seria seguido por todos os historiadores das “histórias bárbaras” subsequentes”. (GEARY, 2005, p. 79). Segundo, pelo fato de nossa fonte ter um material historiográfico muito extenso produzido por autores que se dedicam no estudo da *Gética* e Jordanes. O que, por conseguinte, nos permite dizer que a obra foi bem revisada ao longo do tempo, além de nos proporcionar um olhar mais crítico sobre a fonte e o autor. Por fim, temos um dos fatores que nos gerou uma curiosidade na obra, que é em relação à suposta origem gótica do autor. Pois isso nos possibilita questionar: Como esses grupos são abordados por um autor supostamente gótico? Quais intenções tinha Jordanes ao escrever esta História? Devemos levar em consideração que estamos falando de um autor do Império Bizantino, que busca falar de povos de origem gótica, que estão espalhados em vários espaços imperiais.

A pesquisa passa por alguns antecedentes, que justificam a escolha da formação de identidade no final do mundo antigo enquanto tema de pesquisa. Pois, ela parte da curiosidade, e, ao mesmo tempo, questionamentos sobre esse período denominado historiograficamente de “Antiguidade Tardia”, buscando compreender como se deu as transformações das sociedades daquele período. Todavia, um fator favorável e que foi importante para que se chegasse a este assunto, foi o contato com o tema nas disciplinas de História Antiga II e História Medieval, durante a graduação, que consistiam em atividades de análise de fontes. Nesse sentido, como primeiro contato, vale destacar o livro de Maria Guadalupe Pedrero Sánchez, intitulado: *História da Idade Média Textos e testemunhas*, publicado em 2000. Ele contém importantes relatos de autores medievais e seus acontecimentos, mas que também contemplam autores e acontecimentos do final da

<sup>3</sup> Abordaremos um pouco mais no tópico 2.1.

<sup>4</sup> *O Ápice dos Tempos ou as Origens e Feitos dos Romanos*.

<sup>5</sup> Segundo Walter Goffart (1988, p.62), as obras de Cassiodoro e de outras autoridades como Prisco, a qual Jordanes usou como referências estão perdidas até hoje. Geary (2005, p. 78-79), também faz menção parecida a este respeito.

Antiguidade. Portanto, a partir desse livro, optamos por nos dedicar na compreensão das relações entre romanos e visigodos, tendo Jordanes e sua obra, a *Gética*, como nossa fonte tardo-antiga, que surgiu como possibilidade de pesquisa a partir desse texto. Sendo assim, levando em conta esse interesse prévio, somado às experiências adquiridas sobre o período durante a graduação, proporcionando sua delimitação enquanto tema de pesquisa.

Segundo ponto a destacar é que ainda há a necessidade de uma melhor compreensão sobre a transição entre Antiguidade e a Idade Média, especificamente no período de desestruturação política do Império Romano, no Ocidente. Um elemento importante para a compreensão dessas transformações na Antiguidade Tardia é por meio da identidade, pois este debate é algo que ainda está em aberto e que precisa ser discutido. Porque a identidade é algo que vem sendo construída e reconstruída através dos contatos entre diversos povos ao longo da história. Ou seja:

A identidade seria uma construção permanentemente (re)feita que buscaria tanto determinar especificidades que estabeleçam fronteiras identificatórias entre o próprio sujeito e o outro quanto obter o reconhecimento dos demais membros do grupo social ao qual pertence”. (MAHER, 2001, p. 116).

Portanto, essas regiões do Ocidente romano descritas na *Gética* de Jordanes são interessantes de serem pesquisadas, pois são espaços de contato entre identidades distintas e que ao longo do tempo passaram por constantes transformações. Sendo assim, é importante que possamos ter uma noção sobre as formações desses grupos étnicos, algo que acreditamos ser possível a partir das descrições contidas na parte II, referente aos visigodos na obra de Jordanes. Por isso, ao estudarmos a formação dessas identidades, a partir do contato entre romanos e visigodos, entendemos que essas identidades não são fixas, elas têm um contexto de surgimento e, por conseguinte, vão se modificando e formando novas identidades. Nesse sentido, enquanto hipóteses é interessante pensarmos a formação de uma identidade visigótica no século V a partir do aspecto político. E, nessa mesma lógica, pensarmos essa construção de identidade na forma da atuação desses líderes visigodos, adaptando-se a esses espaços romanos, a partir de seus próprios interesses políticos.

Nosso objetivo, portanto, é a partir da *Gética* de Jordanes compreender quais eram as perspectivas do autor sobre as relações romano-visigóticas, em especial entender como os visigodos eram tratados nessas fontes. Principalmente pensando como podemos, a partir do autor, vincularmos a uma identidade visigótica tardo-antiga.

Assim sendo, para que possamos chegar aos objetivos desta pesquisa, iremos utilizar da metodologia análise documental, que tem como função:

[...] identificar, verificar e apreciar os documentos com uma finalidade específica e, nesse caso, preconiza-se a utilização de uma fonte paralela e simultânea de informação para complementar os dados e permitir a contextualização das informações contidas nos documentos (DE SOUZA; KANTORSKI; LUIS, 2011, p. 222).

Essa se justifica, pois estamos tratando de um período bem recuado da História, que nos possibilita algumas situações para compreendermos essas construções de identidade na Antiguidade Tardia, como, por exemplo, a partir da já mencionada análise documental e/ou arqueológica. Todavia, para que possamos chegar às respostas de nosso problema de pesquisa a partir dessa metodologia, temos que passar por algumas etapas. Onde “a análise documental deve extrair um reflexo objetivo da fonte original, permitir a localização, identificação, organização e avaliação das informações contidas no documento, além da contextualização dos fatos em determinados momentos”. (MOREIRA, 2005 Apud. DE SOUZA; KANTORSKI; LUIS, 2011, p. 222). Por conseguinte, esta metodologia acaba tendo sua importância para este trabalho, na medida em que nos: “Oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente” (MANZO, 1971, p.32 apud LAKATOS; MARCONI, 2003, p.183).

Portanto, o primeiro capítulo será dedicado à apresentação da fonte, sobre os visigodos, além dos conceitos de “Antiguidade Tardia” e “Identidade”. Sendo assim, utilizaremos Peter Brown para ajudarmos na compreensão sobre o período e sobre o conceito como conhecemos atualmente. Uma outra questão é compreender como as identidades eram pensadas naquele período. Nesse sentido, é importante entendermos sobre o conceito de “identidade”, onde buscaremos compreender esse conceito através de alguns historiadores como Walter Goffart, Walter Pohl e Patrick Geary. Já no segundo capítulo faremos a análise da fonte, com base na *Gética* de Jordanes, onde utilizaremos trechos retirados da obra. Em linha gerais, esperamos poder apresentar uma discussão sobre a formação da identidade visigótica em Jordanes a partir dos capítulos.

## 2 ASPECTOS TEÓRICOS DA PESQUISA

### 2.1 GÉTICA: UMA BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE JORDANES E SUA OBRA:

Começamos a partir do autor da fonte que será analisado neste ponto, como mencionamos anteriormente, Jordanes foi um funcionário de grande importância e historiador do Império Bizantino, que viveu no século VI. Mas especificamente, Jordanes “[...] foi *notarius* (secretário) de um ostrogodo da linhagem dos Ámalos (50.266) que ocupava a alta posição de *magister militum* (mestre dos soldados) na *Constantinopolis* da primeira metade do século VI”. (SARTIN, 2019, p. 2). O autor é uma figura bastante interessante de ser analisado, uma vez que supostamente ele seria de “origem gótica”, apesar de Jordanes afirmar isso em sua obra<sup>6</sup>, na versão espanhola da *Gética*, tal informação é colocada em dúvida. Isso porque, “com base nessas afirmações de Jordanes, alguns pesquisadores tentaram negar sua suposta origem gótica e preferiram considerá-lo como sendo da linhagem Alana” (MARTÍN, 2017, p. 8). Nesse sentido, alguns pontos, corroboram para esta ideia, a primeira delas seria:

O nome do seu pai e a função administrativa exercida pelos membros de sua família e por ele mesmo parecem, orientar em princípio, nessa direção. A isto, devemos acrescentar o tratamento favorável que o povo alano recebe ao longo de toda a obra de Jordanes (MARTÍN, 2017, p. 8).

Porém, ao mesmo tempo, José María Sánchez Martín deixa em aberto esta possibilidade da identidade gótica de Jordanes. “Pois nada impede que tenha pertencido a uma família de origem gótica e que tenha sido incorporado a essas funções notariais após a ocupação dos territórios de Mésia e Cítia Menor pelos alanos após a queda de Átila em 454”. (MARTÍN, 2017, p. 8). Independente do povo a qual Jordanes tenha descendido, sua “ligação bárbara” acaba sendo interessante para pesquisa, pois ele seria o mais próximo do ponto de vista de um não romano. Em outras palavras, os escritos de Jordanes seria o que mais se aproximaria de uma perspectiva dos godos (visigodos e ostrogodos), uma vez que não se tem uma fonte escrita de autores de origem gótica anterior a *Gética* e o que se tem de narrativas sobre esses povos são exclusivamente de fontes greco-latinas. Consequentemente, isso se torna problemático num primeiro momento, pois só há um ponto de vista em relação a esses

---

<sup>6</sup> Todas as traduções deste trabalho de TCC são de nossa autoria: Em uma passagem de sua obra ele afirma que seu avô Paria foi secretário (*notarius*) de um líder alano chamado Candac, que seu pai se chamava Alanoviamut, e que ele mesmo também ocupou posteriormente o cargo de secretário de um certo Guntigis, chefe militar de origem ostrogoda, antes de sua “conversão” (MARTÍN, 2017, p. 7).

povos para esta pesquisa e também porque não temos acesso à visão de autores visigodos sobre esses acontecimentos. Por conseguinte, “a perspectiva mais longa do passado bárbaro pode ser expressa em generalizações, bem como na forma mais restrita de histórias tribais individuais”. (GOFFART, 1980, p. 12). Por outro lado, o que inicialmente pode ser um problema, ao mesmo tempo pode ser interessante, na medida em que nos possibilita uma análise mais rica e crítica sobre como essas fontes romanas retratavam os visigodos.

Em relação a fonte, a *Gética* foi escrita em latim, em Constantinopla, publicada por volta de 550, originalmente com o título *De origine actibusque Getarum*<sup>7</sup>, que significa “Sobre as “Origens e Feitos dos Godos”. A obra, “[...] foi baseada na história dos godos escrita cerca de vinte anos antes na Itália ostrogótica por Cassiodoro<sup>8</sup>, intitulada *Libri XII De Rebus Gestis Gothorum* (Doze Livros Sobre as Coisas e Feitos dos Godos)”. (SARTIN, 2019, p. 6). Ademais, segundo aponta Goffart (1988, p. 62), a obra é uma série de compilações históricas de várias obras de autores tardo-antigos, como por exemplo, o já mencionado Cassiodoro e Prisco<sup>9</sup>. O que torna Jordanes, na perspectiva de Goffart (1988, p. 62) um compilador e não um pesquisador independente, no entanto, o historiador ressalta que embora copiasse outras obras, moldou-as de forma original. Por outro lado, Martín (2017, p. 18-20), parte do princípio de que o autor teria adaptado os 12 livros de Cassiodoro, e não compilado. Ou seja, “essa adaptação, teria ocorrido, portanto, durante a sua estada em Constantinopla e que o contato entre Cassiodoro e Jordanes teria ocorrido por volta de 550 e onde Jordanes teria conhecido a *História Gótica* de Cassiodoro, a partir da qual teria escrito a sua *Gética*”. (MARTÍN, 2017, p. 17). Pois na visão do autor seria impossível um plágio, uma vez que

<sup>7</sup> No entanto, esse título pode causar alguns estranhamentos, uma vez que “*De origine actibusque Getarum*, cuja tradução literal é “Origem e façanhas dos Getas”” (MARTÍN, 2017, p. 12). Que se refere aos getas, que é um povo distinto em relação aos godos, temporalmente falando. Pensando nessa questão José María Sánchez Martín busca explicar sobre este impasse na introdução da versão espanhola, ao argumenta que: “O fato é que em toda a obra de Jordanes *Gothi* e *Getae* são usados como sinônimos e é mesmo esta última palavra que tradicionalmente se impõe para nomear a sua *História Gótica*, que é vulgarmente conhecida como *Getica*” (MARTÍN, 2017, p. 12).

<sup>8</sup> Flavio Magnus Aurelius Cassiodorus (485 - ca. 578 DC) foi um escritor e estadista romano, conselheiro do rei ostrogodo Teodorico, o Grande, que se destacou pelos seus dotes jurídicos e literários e ocupou importantes cargos na administração pública ostrogoda da Itália. Cassiodoro foi um dos primeiros autores a se dedicar a escrever sobre a História dos Godos, décadas antes do surgimento da *Gética*. Além do mais, ele teve uma grande influência na escrita da *Gética*. Segundo Martín (2017, p. 16), com a derrota dos ostrogodos pelas forças de Belisário, Cassiodoro, vai para Constantinopla (549-552) e depois retirou-se para sua fundação em Vivário, onde continuou sua atividade literária até sua morte.

<sup>9</sup> Segundo Pinto (2009, p. 150), Oliveria (2018, p. 5-26) e Figueiredo (2020, p. 3): Prisco de Pânio foi um historiador, de origem trácio-romana, que viveu no século V, ele também prestou serviços na corte de Teodósio II, em missões diplomáticas junto a Átila, o Huno. Em relação a sua obra, Prisco escreveu uma História Bizantina e sobre Átila, em oito livros, sendo de extrema relevância, uma vez que Prisco foi responsável por nos deixar a única evidência escrita de um encontro com Átila. E que vai sobreviver somente através de fragmentos encontrados em outras obras, como os *Excertos* Constantinianos de Constantino VII Porfirogênito, a *Gética* de Jordanes e a *Suda*.

Jordanes só teve três dias de acesso à obra de Cassiodoro, além de terem visões completamente diferentes um do outro. Martín (2017, p. 19) ainda complementa, ao acrescentar que a obra de Cassiodoro teria servido de material de apoio, enquanto Jordanes fez sua contribuição e interpretação para a escrita dessa nova obra (*Gética*). Apesar das controvérsias e críticas que a obra acaba recebendo, ela tem sua relevância, pois “[...] trata-se da mais antiga história de um povo ‘bárbaro’ pós-romano que chegou aos nossos dias”. (SARTIN, 2019, p. 6). Em outras palavras, seria um dos poucos relatos que busca falar de uma história gótica, preservada atualmente, pois infelizmente a obra de Cassiodoro se perdeu ao longo do tempo.

Portanto, para esta pesquisa, será usada a versão contemporânea da *Gética*, editada e traduzida por José María Sánchez Martín, em Madrid, no ano de 2001, encontrada na obra *Origen y gestas de los godos*, lançada pela revista *Cátedra*<sup>10</sup>. Tendo a versão online lançada em 2017, pela revista digital *Titivillus*<sup>11</sup>, sendo que no ano de 2018 foi lançada a versão em PDF. Essa edição também se encontra disponível em domínio público pelo Internet Archive.<sup>12</sup> Em relação à fonte original, a versão espanhola da *Gética* contém algumas atualizações, a começar na introdução, onde José María Sánchez Martín se dedica a escrever sobre Jordanes e suas produções, além dos aspectos estruturais que compõem a *Gética*. Outro ponto a destacar nesta versão é que temos em anexo as tabelas referentes à cronologia, da história goda, genealogia dos Ámalos<sup>13</sup> e a lista de todos os imperadores romanos e reis visigodos na perspectiva de Jordanes. Além dos mapas do Império Romano e dos reinos visigodos e ostrogodos.

---

<sup>10</sup> *Ediciones Cátedra* é uma editora espanhola, fundada em Madrid em 1973. A mesma é responsável por publicar principalmente clássicos literários em espanhol e obras de humanidades. Em 1997, ganhou o Prêmio Nacional de Melhor Obra Editorial Cultural, concedido pelo Ministério da Educação e Cultura. A editora pertence ao Grupo Anaya, que por sua vez, pertence ao Grupo Lagardère. Disponível em: <https://www.catedra.com>. Acesso em: 11 Mai. 2023.

<sup>11</sup> A Revista *Titivillus* é uma revista interdisciplinar de periódicos anuais, vinculada a Universidade de Zaragoza, que se dedica às publicações de trabalhos de investigações sobre o livro antigo em todos os seus aspectos: histórico, material, formal, artístico, bibliográfico, gestão de bibliotecas, como item de coleção e patrimonial, tipográfico. Disponível em: <https://papiro.unizar.es/ojs/index.php/titivillus/about>. Acesso em: 9 Mai. 2023.

<sup>12</sup> Disponível em: [https://archive.org/details/jordanes.origenygestasdelosgodos2017\\_201906/page/n3/mode/2up/search/jordanes?q=jordanes](https://archive.org/details/jordanes.origenygestasdelosgodos2017_201906/page/n3/mode/2up/search/jordanes?q=jordanes). Acesso em: 23 Mar. 2020.

<sup>13</sup> Família que deu origem aos ostrogodos.

**Figura 1** – Lista dos reis visigodos ao longo da história:**REYES VISIGODOS DE TOLOSA**

Alarico I	395-410	Recaredo I	586-601
Ataúlfo	410-416	Liuvia II	601-603
Sigenco	416	Viterico	603-610
Valia	416-419	Gundemaro	610-612
Teodoredo I	419-451	Sisebuto	612-621
Turismundo	451-453	Recaredo II	621
Teodoredo II	453-466	Suintila	621-631
Eurico	466-484	Sisenando	631-636
Alarico II	484-507	Chintila	636-639
Gesaleico	507-511	Tulga	639-642
(Regencia de Teodorico el Grande)	511-526	Chindasvinto	642-653
Amalarico	526-531	Recesvinto	649-672
Teudis	531-548	Wamba	672-680
Teudiselo	548-549	Ervigio	680-687
Agila I	549-554	Égica	687-702
Atanagildo	551-568	Vitiza	700-710
Liuvia I	568-573	Rodrigo	710-711
Leovigildo	569-586	Agila II	711-713

**Fonte:** Origen y gestas de los godos/ESP, Internet Archive, 2017.

Nesta versão, a composição da obra esta dividida em três partes, sendo a primeira intitulada: *Migração dos Godos*, que vai do capítulo I (1) até o XXIV (24), sendo estes divididos em 130 subcapítulos, organizados por números romanos, entre as páginas 55 a 100. Essa primeira parte, podemos dividir em dois momentos, inicialmente, tendo mais para aspectos mitológicos/fantásticos<sup>14</sup> ao abordar sobre o processo migratório dos godos da Escandinávia, até chegar em terras imperiais. E por último, é onde temos os relatos históricos, quando os godos já estabelecem o contato com os romanos, até chegarmos à divisão gótica.

A parte II, intitulada: *Visigodos*, contém 17 capítulos, sendo eles, do XXV (25) ao XLVII (47), com 45 subcapítulos respectivamente, localizados entre as páginas 103 a 146. Nele, o autor descreve os eventos de forma cronológica sobre os principais eventos da história visigótica, além da relação dos visigodos com os romanos. Sendo os principais acontecimentos descritos nessas narrativas: A chegada à parte ocidental do império, saque de Roma em 410, formação dos reinos visigodo na Gália e Península Ibérica e a deposição do último imperador romano, Romulus Augustulus em 476, todavia, nesta parte II, o autor acaba dando mais ênfase no conflito entre romanos e hunos.

Por fim, a parte III, sobre os ostrogodos, contém 12 capítulos, sendo eles, do XLVIII (48) ao LX (60), sendo 70 subcapítulos respectivamente, indo das páginas 148 a 174. Esse que acaba sendo o grande foco da *Gética*, a qual o autor dá ênfase na história dos ostrogodos,

<sup>14</sup> Esses contos, segundo Goffart (1988, p. 63) seria a partir das lendas da migração; contos dos Citas, Amazonas, Getas, e Dácios disfarçados de Godos; uma aclamação dos chefes góticos que conduzem à genealogia dos Ámalos; e um resumo das relações góticas com o Império Romano nos séculos III e IV.

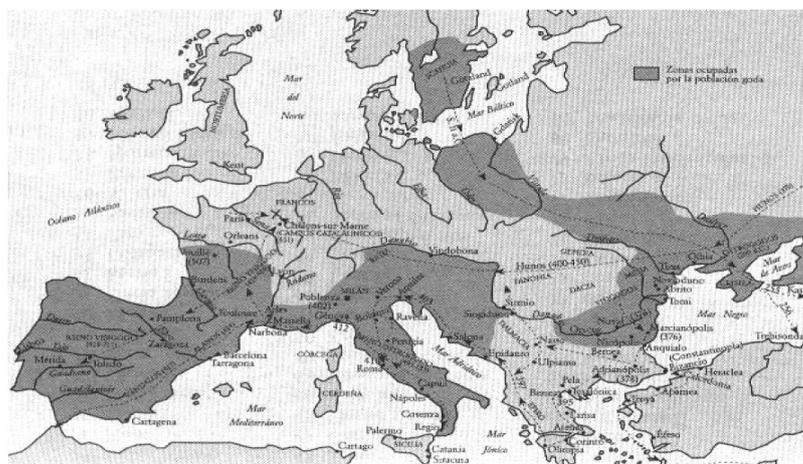
pegando desde a separação com os visigodos, consolidação de seu reino na Itália, até o embate contra o Império Bizantino, já no século VI. Isso nos leva ao contexto histórico a qual nossa fonte foi escrita, já que, segundo nos diz Sartin (2019, p. 7), o que é narrado na fonte se passa durante o período de reconquista de Justiniano, onde naquele momento o imperador bizantino já tinha tomado antigos territórios perdidos séculos antes na África, Península Itálica e partes da Península Ibérica. Por fim, temos as notas, onde o autor desta versão faz alguns comentários acerca de alguns pontos específicos dos trechos da fonte.

## 2.2 OS VISIGODOS:

Um outro aspecto que nossa pesquisa pretende abordar é sobre um dos vários povos que tiveram contato com os romanos e se estabeleceram em terras imperiais. Nesse sentido, trabalharemos com os visigodos, povo que é fruto de uma divisão de outro grupo, os godos, de origem escandinava, que, conseqüentemente, já vinham num processo migratório séculos antes. Juan Antonio Cebrián, em sua obra: *La Aventura de los Godos* (2002) coloca como possibilidade a ser pensada a de que esses primeiros grupos de godos surgiram na ilha de *Gotland*, ou *Gótia* (*Terra dos godos*) no que hoje é a atual Suécia<sup>15</sup>. Como podemos ver no mapa a seguir:

**Figura 2** – Mapa das migrações góticas

### *DE LAS MIGRACIONES DE LOS GODOS*



**Fonte:** Origen y gestas de los godos/ESP, Internet Archive, 2017.

<sup>15</sup> Ver CEBRIAN, 2002, p.24.

Nesse sentido, Gustavo Sartin, em um dos momentos de seu texto, faz um breve panorama sobre o processo migratório dos godos até chegar às fronteiras imperiais, ao comentar que:

Durante os três primeiros quartéis do século IV, algumas tribos de origem gótica se instalaram na região fronteira do norte da diocese (conjunto de províncias) da *Dácia*, gradativamente assimilando a cultura romana. Em 376, fugindo do súbito aparecimento de hordas de hunos, vindas do oriente, muitos desses godos rumaram para o sul, efetivamente adentrando o território romano (SARTIN, 2019. p. 2).

Como podemos ver na citação anterior, o processo de invasão dos hunos no continente europeu vai desencadear um processo de migração dessas confederações góticas para as províncias romanas, além de uma divisão entre esses conglomerados. Portanto, desta divisão temos dois principais grupos<sup>16</sup>, “[...] perfeitamente delimitados: por um lado, os ostrogodos, ou seja, os godos orientais; por outro, os visigodos ou godos ocidentais”. (CEBRIAN, 2002, p. 25).<sup>17</sup> Esses dois grupos, assim como os demais povos que migraram para as fronteiras do Império Romano, entre os séculos IV e V terão uma função importante como uma das forças emergentes no Ocidente europeu pós 476<sup>18</sup>. Pois com o desaparecimento do poder imperial, em sua parte Ocidental, vão se formado diversos reinos bárbaros nestes espaços anteriormente romanos, entre eles, os reinos desses dois povos góticos. Sendo assim, os visigodos formaram seu reino na Península Ibérica e na região da Aquitânia, atual França, durando entre os séculos V e VIII. Enquanto os ostrogodos estabeleceram seu reino na Península Itálica, entre os séculos V e VI. Como podemos ver as configurações dos dois reinos góticos, em seu auge, durante o século VI.

---

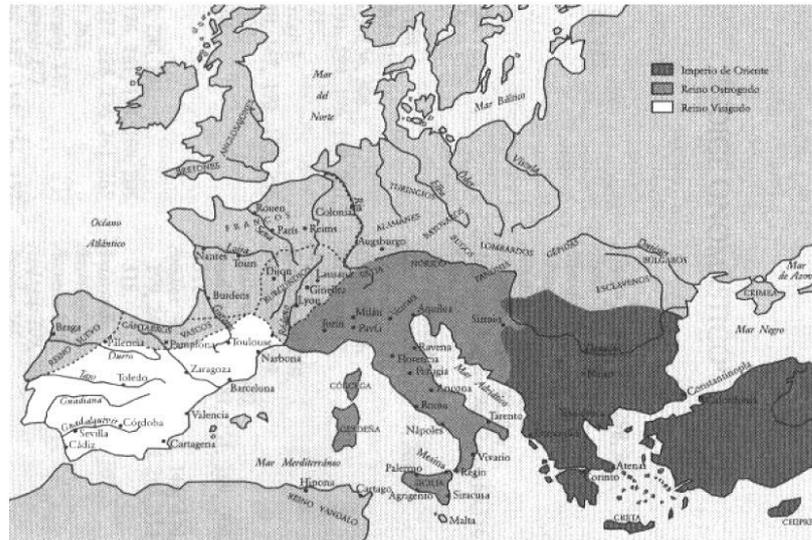
<sup>16</sup> Além dos já mencionados visigodos e ostrogodos, temos também os gépidas e os vândalos. Em relação a este último citado, segundo Goffart (1988, p.83), dentro da etnografia bizantina os vândalos são colocados como quarto povo de origem gótica, encontrados nas obras de Procópio e Cirilo de Citópolis, porém, ignoradas em Jordanes. Isso reflete na retratação dos vândalos na *Gética*, onde na maioria das vezes os vândalos são tratados com desprezo, como um povo constantemente subjugado pelos godos ou fugindo antes deles.

<sup>17</sup> “[...] dos grupos perfeitamente delimitados: por un lado, los ostrogodos, es decir, godos orientales; por otro, los visigodos o godos occidentales” (CEBRIAN, 2002, p.25),

<sup>18</sup> Frighetto (2012, p.134), acredita que com: “[...] o surgimento dos reinos romano-bárbaros fazia parte do processo de longa duração histórica, iniciado com os primeiros sintomas da crise do século II no mundo romano, aspecto fundamental para entendermos a contínua aparição de reformulações políticas, jurídicas, sociais, culturais e institucionais ocorridas entre os séculos II ao V e extensivo aos séculos VI, VII e VIII”.

**Figura 3** – Mapa dos reinos visigodos e ostrogodos no século IV

**REINOS VISIGODO Y OSTROGODO A COMIENZOS DEL S. VI**



**Fonte:** Origen y gestas de los godos/ESP, Internet Archive, 2017.

Enquanto povo autônomo, os visigodos estavam mais atrelados aos romanos, lutando a favor do império contra outros grupos bárbaros e a partir de vários tratados<sup>19</sup>, diferentemente dos ostrogodos que inicialmente tiveram uma relação mais conturbada com os romanos, aliando-se aos hunos mais tarde. Sobre isso, Patrick Geary comenta que “os ostrogodos emergiram das ruínas do Império Huno como uma das facções germânicas, aliando-se e lutando contra o Império Romano do Oriente alternadamente”. (2005, p. 131).

Todavia, as relações entre romanos e visigodos vão se deteriorando, na medida em que, segundo Geary (2005, p. 120), o governo imperial se mostra incapaz de solucionar o problema desses godos estabelecidos na Trácia. Esse não cumprimento dos acordos, aliados à fome, faz com que esses grupos se revoltam contra os romanos. Isso leva à Batalha de Adrianópolis, onde “em 378, as vitórias góticas culminaram na aniquilação do exército imperial e na morte do imperador Valente” (GEARY, 2005, p. 120). Esta vitória vai ser muito significativa para os visigodos, pois segundo nos diz Renan Frighetto (2012, p. 136-138), a partir de agora eles deixaram de ser vistos enquanto povos subjugados e dominados, e se tornaram povos federados (*Foedus*)<sup>20</sup> dentro do Império Romano. Alarico torna-se então

<sup>19</sup> Como por exemplo, quando: “[...] em 332, romanos e visigodos selaram um pacto pelo qual o imperador Constantino concedeu aos bárbaros o status de federados com o objetivo de impedir as incursões alemãs na zona fronteiriça do Danúbio”. (CEBRIAN, 2002, p. 25).

<sup>20</sup> Tal termo refere-se aos “federados”, que seriam “[...] nações que mantinham tratado, *foedus*, com Roma e cujos habitantes mantinham sua liberdade em território romano” (BERGER, 1953, p. 474 apud SARTIN, 2019 p.3).

comandante das tropas romanas no Oriente, porém, o mesmo foi traído pelos próprios romanos, isso, por conseguinte, vai fazer com que Alarico monte uma expedição que vai saquear Roma em 410. Este acontecimento proporcionou aos visigodos novos acordos e uma série de concessões do imperador do Ocidente, incluindo o direito de estabelecer um reino próprio em 418.

Assim, temos aqui um cenário inicial para interação entre romanos e visigodos que se desenrolará de maneira bem intensa nesse período. Portanto, busca-se entender:

As relações políticas entre Visigodos e o Império Romano, de um modo geral, podem ser interpretadas à luz das alianças ou tratados político-militares entre estes e aqueles, tratado este que a historiografia tem usualmente caracterizado como o *Foedus* (GREIN 2009, p. 114).

### 2.3 ANTIGUIDADE TARDIA E IDENTIDADE: DOIS CONCEITOS EM DISCUSSÃO

Enquanto um dos aspectos metodológicos é importante entendermos dois conceitos que serão centrais em nossa pesquisa: “Antiguidade Tardia” e “Identidade”. Uma vez explicadas, delimitadas e discutidas, segundo as diferentes perspectivas historiográficas, tais conceitos ajudaram a compreender o processo de formação das identidades no período tardo-antigo e também como podemos identificar esses aspectos em nossa fonte. Nesse sentido, primeiramente, buscaremos construir a definição conceitual de Antiguidade Tardia a partir de Peter Brown. Em seguida, buscaremos compreender as diferentes noções de identidade a partir de Walter Goffart, Walter Pohl e Patrick Geary.

#### 2.3.1 ANTIGUIDADE TARDIA: UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DE PETER BROWN

Antiguidade Tardia em sua concepção contemporânea do conceito, segundo nos diz Oliveira (2013, p. 124-125), teria sido “[...] formulado originalmente no final do século XIX e no início do XX”, a partir da obra, intitulada: *Die Spätantike Kunstindustrie*, do historiador Alois Riegl. Inicialmente mais atrelada ao campo da História da Arte, o termo “Antiguidade Tardia” (*Spätantike*), buscava pensar as construções artísticas do período. Nessa obra, segundo comenta Machado (2015, p. 84), Riegl observou que:

[...] o período estaria longe de ser decadente, a arte do período era produto de um gosto artístico diferente que, na verdade, poderia ser comparado aos movimentos artísticos de finais do século XIX e início do XX, livres do peso do classicismo.

O conceito surge em meio a um contexto de discussões anteriores, que buscavam entender a passagem do mundo antigo para o medieval, assim como a “queda” do império Romano. Numa proposta de “[...] oposição à ideia renascentista e iluminista<sup>21</sup> de uma decadência<sup>22</sup> multissecular da civilização romana”. (OLIVEIRA, 2013, p. 124). Ou seja, nesta perspectiva, essa ala da historiografia, nos propõe pensarmos este período a partir do aspecto das “continuidades”.

Com o passar do tempo, o termo vai ganhando novos contornos, Oliveira (2013, p. 124-125), comenta que a crítica a “decadência” vai se intensificando, a partir de diversos estudos que vão surgindo mundo afora, entre os anos 50 e 60. Nesse sentido, são destacadas as influências de Henri-Irénée Marrou, na França, de Santo Mazzarino, na Itália, e de Arnold Jones, na Grã-Bretanha, obras que foram importantes na consolidação do conceito. Esses estudos, sobretudo:

[...] procuraram demonstrar como o Império Romano, longe de sucumbir à crise do século III, se renovou a partir da Tetrarquia, dando origem a uma civilização original e extremamente rica. A crítica desses autores à ideia de decadência implicava, porém, pouco mais que uma reabilitação do período até então descrito, de maneira pejorativa, como o Baixo Império, sem, no entanto, negar as rupturas do século V, no Ocidente, e do século VII, no Oriente. (OLIVEIRA, 2013, p. 124-125).

<sup>21</sup> No que diz respeito a essa perspectiva iluminista sobre os estudos sobre o fim do mundo antigo, Sartin (2009, p.19), faz um apanhado geral sobre alguns desses principais estudos, uma dessas obras citadas é *Considérations sur les causes de la grandeur des romains et de leur décadence*, publicado em 1734, por Charles Montesquieu. Onde o autor criticou duramente a intolerância cristã dos tempos finais do império. “Esta, todavia, seria tipicamente grega, não romana, tendo origem na parte oriental do império, e contrastaria grandemente com as virtudes republicanas típicas dos romanos. Para Montesquieu, mesmo que a ascensão do cristianismo a partir do século IV tenha significado uma espécie de degeneração dos ideais republicanos tipicamente romanos, as causas diretas do fim do império ocidental seriam de natureza político-militar. Teria ocorrido uma combinação infeliz entre melhor defensibilidade natural do oriente e a bipartição política do império, o que teria abandonado as províncias à chefia dos estrangeiros, em uma tentativa de salvar ao menos a Itália. Está, todavia, não podia resistir sozinha e, por fim, capitulou” (MONTESQUIEU, 1995, p. 129-135 apud SARTIN, 2009, p. 19).

<sup>22</sup> Um dos principais expoentes da ideia de uma “decadência” foi Edward Gibbon, em sua obra *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, publicado entre 1781 e 1789. Segundo Sartin (2009, p. 19), foi a partir dessa obra que a noção de “decadência” passou a ser mais claramente associada com os séculos finais do domínio romano sobre a Europa ocidental. Nela Gibbon defende que, a partir da morte de Marco Aurélio, ocorrida no ano de 180, o império teria entrado em um processo de deterioração caracterizado por um círculo vicioso: o abandono da gradual “virtude cívica” caracteristicamente romana teria feito com que o Estado recorresse cada vez mais a elementos estrangeiros para assegurar as defesas; isso, por sua vez, teria acelerado o processo interno de “barbarização” e perda da “romanidade”. A conversão ao cristianismo, por seu turno, também teria contribuído para a “queda” ao desviar recursos humanos e materiais das questões terrenas, erodindo ainda mais a capacidade do Estado de enfrentar os invasores.

Todavia, é a partir de Peter Brown, em sua obra, *The World of Late Antiquity: From Marcus Aurelius To Muhammad* (1971), que teremos uma definição mais precisa do período, assim como a propagação do conceito. A mesma acabou revolucionando nos estudos sobre a temática, pois a partir desta obra, Peter Brown nos possibilitou compreender este período a partir de uma nova perspectiva, a das “transformações”. O autor ataca diretamente a proposta de “declínio”, como podemos ver nessa crítica feita na versão de 1995 da obra:

É muito fácil escrever sobre o mundo da Antiguidade Tardia como se ele fosse meramente um conto melancólico de “Declínio e Queda”: do fim do Império Romano, visto pela perspectiva do Ocidente; do Império Persa, Sassânida, visto pela perspectiva do Irã. [...] Olhando para o mundo da Antiguidade tardia, nós somos pegos entre a contemplação culpada das ruínas ancestrais e as aclamações excitadas do novo crescimento. (BROWN, 1995, p. 7 apud SILVA, 2009, p. 96).

Em outras palavras, para Brown, não dá pra dizer que houve uma “queda do Império Romano” no Ocidente, ou algum fator que proporcionasse uma ruptura na dinâmica sociocultural desse espaço. Brown (1972, p. 35), comenta que essa sociedade estava passando por um processo de “renascimento” no século III, estando muito bem estabilizada financeiramente se comparada à sociedade romana do período clássico. Com uma aristocracia senatorial cada vez mais enriquecida e controlando a parte cultural e social, isso acaba por refletir, por exemplo, em uma enorme diferença entre as classes altas e baixas romanas. Essas inovações, segundo o autor, também são refletidas no crescimento artístico e uma produção de cultura nunca vista antes. Desta maneira, o que haverá segundo o historiador é que essas transformações vão ocorrer de forma lenta e gradual, porém, são mudanças definitivas.

Além das transformações, Peter Brown, busca pensar esse período também através das continuidades, abordando a partir de dois aspectos: O primeiro deles é a religião, por exemplo, Brown (1972, p. 101-119), menciona que a partir do momento em que o cristianismo tem sua rápida ascensão<sup>23</sup> e consolidação ainda no século IV, o mesmo teve um papel central nas transformações ideológicas e políticas que vinha ocorrendo no Império<sup>24</sup>. Ou seja, mesmo após a crise do século V, o cristianismo foi uma das poucas instituições que sobreviveram a este processo de crise, saindo mais forte do que nunca.

<sup>23</sup> O autor destaca a rápida ascensão do cristianismo a partir dos monges, que apesar de, segundo Brown (1972, p. 113), serem minoria no império, foram, ao mesmo tempo, essa minoria que transformou o cristianismo com uma crença de multidões. Ainda segundo o autor, essa influência desses monges vai inspirar lá para o final do século IV uma onda de perseguições aos pagãos e judeus, onde teremos destruição de templos e linchamentos. Porém, se por um lado os monges tiveram sucesso nessa proliferação da crença em toda extensão imperial, por outro, os mesmo não terão a mesma eficiência com os bárbaros.

<sup>24</sup> Tal ponto de vista, também podemos notar no texto em Grein (2009, p. 110).

O segundo aspecto de continuidade a ser mencionado é a partir das relações entre romanos e bárbaros. Nesse ponto, Brown (1972, p. 121-132), problematiza a atuação dos bárbaros no Ocidente, assim como a própria ideia de uma “invasão”. Segundo ele, “os bárbaros eram vulneráveis” e tinham dificuldades de diplomacia, no entanto, suas aristocracias estavam dispostas a largar sua vida tribal para ganhar prestígios e luxo de uma vida romana<sup>25</sup>. Esta situação nos leva a outro ponto, quando o Brown trata sobre essas relações, falando sobre as adaptações por parte da aristocracia romana, como forma de sobrevivência<sup>26</sup>, a atividade de cortesãos nos reinos bárbaros (BROWN, 1972, p. 133-143). Nesse sentido, ao fazer isso, a aristocracia romana se adapta aos reinos bárbaros, a partir das atividades de cortesãos oferecidas por esses reinos, por conseguinte, formando um governo com bases institucionais romanas. Isso denota a ideia de que as identidades no Ocidente são fragmentadas, uma vez que essas “políticas dos cortesãos romanos nas cortes dos reinos bárbaros era uma política local” (BROWN, 1972, p. 135). Portanto, os indivíduos tinham um vínculo com o poder local e aquela determinada província. Ou seja, “um homem amava verdadeiramente o pequeno mundo de suas províncias desconheciam a ideia de um Império Romano unificado” (BROWN, 1972, p. 135-136).

Sendo assim, o que pode ser notado aqui é uma relação de interesses, já que os romanos precisam de força militar para proteger suas terras, enquanto os bárbaros precisavam ter legitimidade para integrar esta sociedade no Ocidente. Ou seja, mesmo depois de desaparecer o poder imperial no Ocidente, os reinos bárbaros seriam uma continuação desse poder, uma vez que esses reinos absorveram as estruturas político-institucionais romanas.

Em linhas gerais, a partir da nossa leitura de *The World of Late Antiquity*, entendemos como: Um período que deve ser pensado além de sua transição histórica, uma Antiguidade atípica, com suas próprias particularidades. Onde Peter Brown nos apresenta um período de grandes inovações e criatividade no aspecto cultural e também de prosperidade dessa sociedade tardo-antiga. Mas que estavam passando por um processo gradual de transformações, porém, definitivas, que refletia na mudança da maneira de pensar dessas populações e instituições que estão inseridas nesse espaço imperial. Nesse sentido, dois elementos são importantes para compreendermos essas transformações e continuidades O

---

<sup>25</sup> Peter Brown (1972, p. 132), usa o exemplo ocorrido na parte Norte da China imperial para falar dessas relações entre os bárbaros (mongóis) e nativos. Onde nesse caso os bárbaros foram se tornando, com o passar do tempo cidadãos, sem ter uma quebra de dinastias. Diferente do caso do Império Romano, onde essas populações não foram totalmente incorporadas, e, com a desintegração da parte Ocidental, formaram seus próprios reinos.

<sup>26</sup> Apesar dos seus preconceitos, os senadores locais compreenderam rapidamente que contar por vizinhos com um homem poderoso, senhor de uma força militar, tinha a sua vantagem (BROWN, 1972, p. 135).

cristianismo que a partir do século IV teve papel central nessas alterações socioculturais e políticas que vinham acontecendo no Império. Assim como a chegada dos povos bárbaros em terras imperiais e sua relação com os romanos, que alterou a estrutura de poder no Ocidente.

### 2.3.2 UM OLHAR HISTORIOGRÁFICO ACERCA DA IDENTIDADE

O primeiro autor a ser apresentado é Walter Goffart em sua obra: *Barbarians and Romans: A.D. 418 – 584 The Techniques of Accommodation*, publicado originalmente em 1980. Um dos pontos característicos do autor é seu direcionamento mais crítico, o mesmo é bem incisivo em suas críticas sobre o conceito de "germânico" e seu uso dentro da historiografia para denominar essas populações não romanas. Nesse sentido, Silva e Albuquerque (2015, p. 347), nos ajudam nessa reflexão, quando comentam que:

[...] muito do que compreendemos do “mundo germânico” é fruto de uma construção ideológica alemã, que se inicia com a redescoberta dos escritos de Tácito no século XV, atingindo seu ápice no século XIX, quando as tendências políticas e intelectuais da época (romantismo, pan-germanismo, filologia, teoria da raça ariana, dentre outras) buscavam legitimar uma unificação do mundo nórdico.

Para Goffart (1980, p. 25): “o conceito "germânico" é completamente vago e decorre de uma construção puramente aprendida [da ciência moderna da filologia germânica]”. Além de considerá-lo “anacrônico e insustentável”.

Outra crítica que o autor faz é sobre a ideia de que houve uma pressão migratória, pois para Goffart (1980, p.17): com a exceção dos godos, não dá pra dizer que houve a pressão de povos bárbaros empurrando outros povos para as fronteiras imperiais por volta dos séculos IV e V. Pois “[...] os movimentos do século IV e V para o Império Romano não poderiam ter sido ocasionados por uma pressão contínua da imigração germânica vinda do norte, muito menos se essa imigração ocorreu no passado”. (GOFFART, 1980, p. 17).

O autor ainda cita que os bárbaros que faziam fronteira com o império, não eram desconhecidos, "muitos desses grupos já estavam romanizados”. (GOFFART, 1980, p. 31). Como podemos ver a seguir:

Com exceção dos alanos e hunos, os bárbaros que participaram das invasões eram todos vizinhos do império; aqueles com os quais nos ocuparemos estiveram em solo imperial, e em contato frequente com os níveis privado e público da vida romana [...]. (GOFFART, 1890, p. 31).

Nesse sentido, o autor vai buscar entender a formação de identidades nesse período, a partir do processo de instalação dos povos bárbaros em território romano, o qual Goffart chama de "acomodação". Segundo ele:

[...] muitos deles - não todos - foram acomodados nas províncias romanas sem desapropriar ou subverter a sociedade indígena. Em outras palavras, os bárbaros que realmente encontramos enfrentando o Império Romano nos séculos IV a VI, e liderando os primeiros reinos sucessores do Ocidente, são notavelmente deficientes em números, coesão, assertividade e habilidades em conjunto [...]. (1980, p. 5).

Goffart (1890, p. 3-5)<sup>27</sup>, propõe ainda fazer a análise a partir de uma imigração e não de invasão. Em outras palavras, para o autor, não houve uma invasão, e sim, um processo de migração e instalação pacífico. Além de que, o autor também irá se concentrar “[...] na questão das formas da continuidade da cobrança de impostos nos estados sucessores e desenvolvendo uma crítica dos usos historiográficos da instituição romana da *hospitalitas*”. (SILVA, 2009, p.97). Que segundo Goffart, é fruto de uma confusão com as associações dos dois termos a um mesmo processo. Pois uma coisa “[...] é observar que a terminologia de aquartelamento foi aplicada aos bárbaros e outra é concluir que suas concessões de terras eram aplicações sistema das *hospitalitas*”. (GOFFART, 1980, p. 40).

Portanto, a instalação dessas populações bárbaras, segundo Goffart (p. 55-56), só foi possível a partir de um do “aquartelamento militar”<sup>28</sup>, atrelado a um complexo sistema de distribuição de terras, que se deu a partir de um conjunto de leis<sup>29</sup> que asseguraram a doação desses lotes de terras a esses colonos bárbaros. Como podemos ver a seguir em Goffart (p.40-126) e também em Ruchesi (2012, p. 11):

Cada guerreiro bárbaro que acompanhou ao rei (tomando como primeiro exemplo o caso dos ostrogodos e a sua fixação na Itália) recebiam uma remuneração em natureza de pagamento por serviços prestados, que foi constituído não por um pedaço de terra, mas pelo direito de cobrar ônus fiscais de certos cidadãos Romanos – além do privilégio de isenção de impostos. Esse último, portanto, não pagaria impostos ao Estado Romano, mas a um alemão, que viria a possuir o status de superioridade em relação aos latinos, pois, tendo a direito de cobrar impostos, poderia privar os romanos de seus bens se eles se recusassem a pagar. Isso já foi possível que, segundo o autor, os alemães eram protegidos pelas leis tributárias romanas, sobre as quais eles - ao realizar esses confiscos - eles não estavam infringindo a lei, mas exercendo seus direitos como outros romanos haviam feito antes. Por Consequentemente, o assentamento dos alemães no território Romano.

<sup>27</sup> (VOGT, 1967, p.183. apud. GOFFART, 1980, p. 4).

<sup>28</sup> Ou também denominado de *Hospitalitas*, sistema esse, existente desde os tempos da República.

<sup>29</sup> Para Goffart (1980, p. 55-56), o aquartelamento teve um papel importante na instalação dos bárbaros em território romano, mas segundo o autor, esse sistema não dá conta de explicar como foi a distribuição de terras a essas populações bárbaras. Para Goffart, isso só vai acontecer a partir das leis tributárias e de leis que reagem à questão das rações militares.

Além de um conjunto de leis tributárias feitas pelo Estado Romano, que, por conseguinte, beneficiou esses líderes e soldados estrangeiros, que assim asseguraram a doação desses lotes de terras.

Portanto, para Walter Goffart, a identidade de romanos e bárbaros é algo completamente fluído, além de que, no entendimento do historiador, o processo de formação de identidade no período tardo-antigo, está ligado a partir de aspectos político-sociais. Por exemplo, se esses indivíduos pagavam ou não seus impostos, suas ocupações nessa sociedade, assim como também responde a questões diplomáticas.

O segundo autor a ser apresentado nesta discussão é Walter Pohl, em seu texto, intitulado: *El concepto de etnia en los estudios de la Alta Edad Media*<sup>30</sup>, publicado em 2003, na versão espanhola. Nesse texto, o autor busca pensar a construção dessas identidades no período tardo-antigo, a partir de um olhar antropológico<sup>31</sup>, com base na etnogênese<sup>32</sup> e *Traditionskerne* (Tradição). Desta maneira, para Pohl (2003, p. 35-39)<sup>33</sup>, essas populações da Antiguidade Tardia não podiam ser vistas como homogêneas, já que em suas considerações inicial no texto, Pohl (2003, p. 35-39), faz algumas críticas direcionadas aos estudos das formações das identidades durante os séculos IV e V. Pois segundo o autor, tais estudos tendem a cair no risco das generalizações e preconceitos, colocando essas populações como “homogêneos” e também na classificação dos povos não romanos, ignorando a diversidade identitária existente na Antiguidade Tardia. Sendo assim, o núcleo formador dessas identidades está mais vinculado às tradições<sup>34</sup>, do que uma unidade étnica. Isso porque, “[...] os laços existentes dentro de um grupo são baseados em uma interpretação compartilhada de símbolos. [...] Essas unidades maiores costumavam ter origens distintas”. (POHL, 2003, p. 37). Em outras palavras, esses grupos eram poliétnicos.

Essas identidades também tendem a ser dinâmicas e, paradoxalmente, controversas, na medida em que um indivíduo poderia vincular-se a várias etnias, e, as modificando, conforme

<sup>30</sup> Este texto é um dos capítulos do livro *La Edad Media a Debate* (2003).

<sup>31</sup> Enquanto aporte metodológico, Cíton (2013, p.163), comenta que Walter Pohl, utilizou-se de fontes e estudos antropológicos, usando como referências Bourdieu e Fredrik Barth em diversas análises. Além de autor de empregar termos como *entcidade*, *etnia*, *gens*, *populus*, entre outros.

<sup>32</sup> Seria um conceito antropológico, que busca explicar sobre a formação de novas identidades ou reaparecimento de uma identidade que existia anteriormente (apud. ANDERSON, 2022, p. 28).

<sup>33</sup> Também observado por Silva e Albuquerque (2015, p.346-347).

<sup>34</sup> Também podemos entender aqui enquanto “tradições culturais”, como exemplificados por Silva e Albuquerque (2015, p.346), quando abordado que: “[...] a crença em um determinado Deus, um antepassado em comum, semelhanças linguísticas.

seus interesses e necessidades sociais<sup>35</sup>, o que o autor chama de "afiliações étnicas". Walter Pohl (2003, p. 38) ao citar o etnólogo russo Shirokogoroff (1935), comenta que:

[...] os limites étnicos nunca são estáticos, mas são ainda menos, durante um período de migração. É possível modificar a própria etnia (do contrário, os índios continuarão sendo os únicos americanos que conhecemos) e o mais comum, durante a Alta Idade Média, era que as pessoas vivessem em um estado de ambiguidade étnica.

Isso, por conseguinte, implica numa situação, conforme aponta Pohl (2003, p. 38), ao citar Mühlmann (1985) e Pohl (1988), dizendo que: “Prosperar socialmente consistia em fazer parte de um prestigioso grupo dominante, em copiar seu modo de vida. O processo de assimilação resultou em uma miríade de estados de transição”. Nessa perspectiva, o papel social desse indivíduo nessa sociedade acaba tendo mais influência na construção de sua identidade do que sua etnia de nascimento, assim sendo, também é resultado de adaptações a esses espaços romanos.

O autor aborda ainda a noção de povo nesse período, que para ele é uma estrutura complexa de dependência, pois:

[...] nenhum deles era um “povo” no sentido moderno da palavra, o termo grupo étnico significava algo diferente em cada caso e eles estavam todos entrelaçados em uma estrutura complexa de interdependências que moldou a própria forma de sua existência étnica. (POHL, 2003, p. 39).

Consequentemente, essa formação de identidade passava também por conflito de interesses e necessidades políticas. Conforme aponta Pohl (2003, p. 39-45), essas populações germânicas vão se "latinizando", isto é, assimilando os costumes e tradições romanas, outros grupos tomam lugar de "bárbaros" dentro dessa polarização romano-bárbaro. Portanto, muitos desses grupos conseguiram manter suas posições de poder, a partir de acordos (*foedus*). Temos alguns exemplos, citados pelo autor. Quando Pohl (2003, p.40), ao citar Wofram (1990), comenta que:

Tecnicamente falando, os godos, os vândalos, os francos e mesmo os hunos não eram inimigos do Império Romano, eles eram seus membros e federados (a princípio externos) e seus ataques eram mais como uma revolta do que uma invasão estrangeira.

---

<sup>35</sup> Por exemplo, Pohl, (2003, p. 38) comenta que: indivíduos ávaros ou lombardos em um sentido mais amplo do que outros que também afirmavam ser; e a mesma pessoa poderia facilmente ser lombardos e gépidas ou ávaros e eslavo ao mesmo tempo. Normalmente, um desses nomes denota a unidade constituinte mais ampla, enquanto o outro se referia a um subgrupo que ainda se apegava aos vestígios de uma tradição étnica anterior.

Ou seja, para Pohl (2003, p. 40), o sistema tributário romano exerceu uma função primordial para esses reis bárbaros, sem esse aporte os mesmos não teriam condições de manter sua posição. Essa mesma lógica, podemos notar quando o autor cita o caso dos ávaros, que se mostravam bem dependentes<sup>36</sup> da ajuda financeira do Império Romano. Como podemos ver no exemplo colocado pelo autor:

[...] a sua chegada às proximidades do Cáucaso em sua fuga da Ásia Central, foi enviar um embaixador ao imperador Justiniano. Esse evento ocorreu em algum momento do inverno de 558-559 e o acordo usual foi alcançado na reunião: os ávaros lutariam pelo império contra os sediciosos e em troca receberiam pagamentos anuais e outros benefícios. (POHL, 2003, p. 41).

Resumindo, para Walter Pohl (2005, p. 35-47), a construção dessas identidades no período tardo-antigo é complexa, pois não se dá somente no âmbito jurídico. O autor coloca num campo mais fluído, essa identidade não é dada de uma forma fenotípica, ou seja, características físicas de um indivíduo. Essas construções respondem a necessidades políticas e sociais. Os povos não são iguais, conforme vão entrando em contato com outras populações, novas identidades vão surgindo.

Por fim, temos Patrick Geary, em sua obra *Mito das Nações*, publicada originalmente em 2002, e, posteriormente em 2005, no Brasil. O eixo central da obra é uma resposta crítica do autor sobre o nacionalismo e a onda que estava se espalhando pela Europa no começo do século XXI e a forma como esses líderes políticos utilizam os povos do passado para reivindicação de uma identidade e territórios. Partindo dessas problematizações iniciais, o autor busca pensar a formação de identidade nesse período a partir de uma construção jurídico-normativa. Nesse sentido, ao longo da obra Patrick Geary busca discutir a noção do que é ser “romano” e o que é ser “bárbaro” e como essas distinções vão se modificando ao longo do tempo. Como podemos ver na citação a seguir:

[...] a qualidade de romano era uma categoria constitucional, e não étnica. Já a qualidade de bárbaro era uma categoria inventada, projetada sobre uma variedade de povos com todos os preconceitos e pressuposições de séculos de etnografia clássica e imperialismo. (GEARY, 2005, p. 81).

Aqui vemos uma situação interessante colocada pelo autor nesse trecho, pois essa polarização entre romano e bárbaro nada mais é do que uma categorização. Deste modo, um

---

<sup>36</sup> Os ávaros e os búlgaros obedeciam às regras do jogo decretadas pelos romanos. Eles organizaram uma concentração de poder militar que, em último caso, acabou sendo paga por meio dos impostos romanos. (POHL, 2003, p. 42).

indivíduo poderia pertencer ao espaço imperial, se obtivesse cidadania romana, independentemente de sua origem étnica ou região de nascimento. Enquanto para o bárbaro, “pertencer” a essa classificação, iria um pouco além de conotações preconceituosas e generalistas a essas populações não romanas. Pois era “[...] mais fácil lidar com os outros povos quando vistos como povos étnicos homogêneos, e não como tão complexos e fluídos quanto à população romana”. (GEARY, 2005, p. 75).

Sendo assim, essa distinção entre romanos e bárbaros acaba ficando mais no campo teórico do que acontecendo na prática. Pois para o autor, “[...] o verdadeiro sentimento de unidade (ou de oposição) provinha das diferenças regionais, profissionais, de classe, e, em algumas circunstâncias limitadas, religiosas”. (GEARY, 2005, p. 82). Sendo que nesse período “a distinção mais importante era a do homem livre e a do escravo”. (GEARY, 2005, p. 82). Já no que diz respeito aos bárbaros, para o autor os mesmos se enquadram enquanto povos heterogêneos. Ao mesmo tempo, “as identidades de bárbaros e romanos haviam se tornado tão complexas e ficado tão entrelaçadas que a reconquista empreendida por Justiniano foi fatal, tanto para uns como outros”. (GEARY, 2005, p. 98).<sup>37</sup> Portanto, “nessa perspectiva, a identidade “étnica” entre os bárbaros era extremamente fluída, já que novos grupos surgiram, e outros grupos antigos desapareciam”. (GEARY, 2005, p. 98).

Ademais, Geary (2005, p. 158-164), coloca a expansão do cristianismo no Ocidente imperial como um novo fator de formação de identidade. Por conseguinte, essa distinção entre “romano” e “bárbaro” ganha um novo elemento, que é a identidade cristã. “Assim o termo *barbarus* começou a adquirir um novo significado, passando a ser usado para designar os estrangeiros e, cada vez mais, os estrangeiros pagãos”. (GEARY, 2005, p. 163). Em outras palavras, a partir de agora ser “bárbaro”, não significa somente não pertencer a um espaço romano, e sim, também não ser cristão. Todavia, mesmo no cristianismo, essa lógica acaba ganhando novas ampliações, pois ser bárbaro nesse espaço cristão passa pelas suas vertentes, isto é, se esse indivíduo ou povo é ariano ou ortodoxo.

Finalizando a linha de raciocínio de Patrick Geary, a construção dessas identidades vai além dos aspectos distintivos e jurídicos/normativos apontados até aqui. Pois não dá pra

---

<sup>37</sup> Um grande exemplo disso são os lombardos, na Península Itálica, que, conforme aponta Geary (2005, p. 143-145), mesmo conquistando a região, manteve a elite romana local, e, posteriormente, acabaram fundindo os dois povos. Essa fusão vai ser refletida nas leis, na medida em que: “Os sistemas legais romanos e lombardos também se entrelaçaram. As leis lombardas, escritas sob o comando de vários reis entre as décadas de 650 e 750, vigoravam paralelamente às leis romanas e revelavam uma certa influência dessas, especialmente pelo fato de terem sido escritas”. (GEARY, 2005, p. 145).

considerar um povo igual a seus antepassados<sup>38</sup>, pois essas identidades estão em constantes transformações.

Ao longo deste tópico, fomos apresentados a três perspectivas de formação de identidade na Antiguidade Tardia<sup>39</sup>, cada uma dessas propostas, com caminhos distintos, usado pelos autores para refletirmos essas formações. Por conseguinte, nos auxiliou de duas maneiras para responder algumas questões propostas em nossos objetivos de pesquisa. Primeiramente, de forma externa, na medida em que nos possibilita entender quem são essas populações que tiveram contato com os romanos, como esses contatos/relações se estabeleceram em terras imperiais e como isso pode influenciar na formação de uma nova identidade. Já num segundo momento, de forma mais específica, pensando a análise da *Gética*, a partir das descrições de Jordanes sobre a construção de identidade visigótica tardo-antiga a proposta de Walter Pohl nos parece mais promissora, uma vez que estamos falando de:

[...] grupos, que agora eram multiétnicos, assumiam a identidade do grupo central, no nosso caso, dos “godos”. As migrações e o crescente contato com o Império Romano modificaram esses grupos que se adaptaram ao novo ambiente romano: assumiram as estruturas políticas romanas, enfatizaram a identidade “goda” como um instrumento de afirmação política e fundaram reinos que preservavam, graças as famílias poderosas, as tradições do passado em *Scandza*, mas, principalmente, mantiveram-se graças a manutenção do que foi possível do legado romano. (SILVEIRA, 2015, p. 100).

E também pelo fato de que nossa pesquisa tende a pensar essas construções identitárias a partir de aspectos sócio-políticos.

---

<sup>38</sup> Geary (2005, p. 183), exemplifica que os francos antes da conversão de Clóvis, não são os mesmo do período Carolíngio, e, por conseguinte, não são os franceses dos dias atuais. Assim como os albaneses não são os mesmos que os Ilírios da antiguidade.

<sup>39</sup> Sendo que dois desses autores que apresentamos neste tópico são de escolas historiográficas rivais que tratam destas questões. Conforme nos aponta Cidon (2013, p. 153-154) o primeiro desses, temos a escola de Viena, que tem como principais historiadores Reinhard Wenskus, Herwig Wolfram e Walter Pohl, esta escola que tem vínculos estreitos com uma herança alemã na teoria da história e historiografia. Por outro lado, temos a escola de Toronto, tendo seu principal cerne Walter Goffart, esta escola parte para interpretações questionadoras de determinadas perspectivas elencadas pela historiografia clássica e de língua alemã, relevantes com concepções de críticas elencadas pela antropologia “instrumentalista” dos anos 1950.

### 3 A GÉTICA: O QUE NOS DIZ JORDANES SOBRE UMA IDENTIDADE GÓTICA?

Neste tópico iremos, por meio da *Gética*, utilizar trechos retirados da obra, referente a parte II, sobre os visigodos. A partir disso, tentaremos identificar a formação de uma identidade visigótica em Jordanes e sua obra, ou seja, rotulações por parte do autor sobre o que é “ser visigodo”.

Enquanto referencial teórico, usaremos a noção de Walter Pohl como suporte para pensarmos a formação de identidade visigótica tardo-antiga em Jordanes, e de forma complementar, mas igualmente importante, as leituras de Patrick Geary e Walter Goffart. Por outro lado, para auxiliar sobre o contexto período e sobre o autor e obra, utilizaremos o perfil biográfico de Jordanes, contido na versão espanhola da *Gética*, intitulada: *Origen y gestas de los godos (2017)*, de José María Sánchez Martín. Além a tese de doutorado de Gustavo Henrique Soares de Souza Sartin, intitulada: *A História dos Godos escrita por Jordanes: Estudo e Tradução (2019)*<sup>40</sup> e também os textos de Renan Frighetto.

O primeiro fragmento que iremos observar é referente ao estabelecimento dos visigodos nas províncias romanas da Dácia, Mésia e Trácia:

Os visigodos, isto é, os aliados dos ostrogodos que viviam no território ocidental, assustados com o pavor de seus parentes, tinham dúvidas sobre a decisão que deveriam tomar em relação aos hunos. Depois de muita reflexão sobre o assunto, eles concordaram em enviar emissários para a Romênia<sup>41</sup> ao imperador Valente, irmão do imperador Valentiniano, o Velho, para conceder-lhes uma parte da Trácia ou da Mésia, a fim de ali viverem sob suas leis e sua autoridade. E para que tivesse mais confiança neles, prometeram tornar-se cristãos se ele enviasse missionários para lhes explicar a doutrina na sua própria língua. (JORDANES, *Gética*, XXV, 131).

Como podemos observar no trecho acima, o autor refere-se aos impactos causados pelos hunos no continente europeu na segunda metade do século IV, o qual os mesmos devastaram tanto os romanos, quanto os povos bárbaros vizinhos às fronteiras imperiais, entre eles, os godos. Diante desse cenário caótico, o nosso autor nos conta sobre a difícil decisão

<sup>40</sup> Recentemente, o autor lançou uma versão atualizada desta tese em formato de livro, publicada no ano de 2021 pela Editora *Dialética*. No entanto, para este trabalho, utilizaremos a versão de 2019 do banco de teses do PPGH da UFOP devido a seu acesso facilitado.

<sup>41</sup> Em relação ao termo “Romênia”, segundo Martin (2017, p.226), ao citar Zeilet (1929, p.194-198), comenta que: Romênia é o termo tardio usado por vários autores para designar o território do Império Romano, em oposição aos territórios góticos, que são chamados na *Gética* de "Goda".

que essas populações góticas tiveram frente a esse novo poder na região, uma vez que uma escolha equivocada poderia significar sua aniquilação. Tal situação também é apresentada por Patrick Geary em *Mito das Nações*, quando o historiador comenta que com a destruição da autoridade góticas, o que restou desses agrupamentos: “[...] tiveram que decidir entre se unir aos bandos hunos ou requisitar ao imperador romano sua entrada e estabelecimento em território imperial. A maioria escolheu (ou foi forçada a escolher) a primeira opção”. (2005, p. 115). Sendo assim, pensando numa formação de identidade visigótica, essa situação nos faz refletir sobre a divisão dos godos, pois neste fragmento essas populações já estão divididas<sup>42</sup>, e, diante desse cenário vão se afastando cada vez mais, uma vez que os ostrogodos acabam se vinculando mais com os hunos, enquanto os visigodos com os romanos. Essas escolhas, também podem ser pensadas no campo ideológico, pois, Pinto (2013, p.326), ao citar Wolfram (1997, p.123-144), comenta que: “[...] o império de Átila era uma alternativa ideológica ao império dos romanos. Nessa perspectiva, os hunos representam a trilha que leva os godos, em Jordanes, do barbarismo à alta distinção civilizada, próximos aos ideais romanos”.

Portanto, os visigodos ao buscarem acordo com Roma, mediante a “[...] aceitação por parte do Augusto romano-oriental, Valente<sup>43</sup>, propiciou o surgimento dum poder paralelo ao da autoridade imperial romana, que legou consequências de grande monta para os séculos posteriores da Antiguidade Tardia”. (FRIGHETTO, 2012, p. 136-137). Ademais, os visigodos procuravam mais do que tudo, uma forma de sobreviver, nem que para isso tivessem que modificar toda sua identidade. Ou seja, essas adaptações por parte dos visigodos são apresentadas em Walter Pohl<sup>44</sup>, em um dos seus pontos de vista, quando o autor aborda sobre a influência de um grupo dominante sobre o outro, e, de como isso é usado por esses grupos dominados como forma de prosperar socialmente. Em outras palavras, a ascensão social acaba sendo mais valorizada por esses grupos, do que sua etnia de origem. Isso também aparece em Peter Brown<sup>45</sup>, mas neste caso, o autor atribui à disposição dessas aristocracias bárbaras em largar sua vida tribal e adotar o modo de vida romano a fragilidade dos bárbaros e sua dificuldade no campo diplomático.

---

<sup>42</sup> No capítulo referente aos godos (XXIV, 130), Jordanes faz uma breve menção sobre essa separação. Porém, o autor não dá muito detalhes sobre como ocorreu esta separação, colocando como disputa entre os dois grupos, como motivo desta ruptura.

<sup>43</sup> Valente foi eleito imperador em fevereiro do ano 364, ele dividiu o Império com seu irmão Valentiniano. Em 365, renovou o tratado de 332 com os godos, que os havia tornado federados pelos romanos e concedeu-lhes um estipêndio anual para defender as fronteiras dácias estabelecidas por Constantino (MARTIN, 2017, p.226).

<sup>44</sup> Ver (POHL, 2003, p. 38) e página 29.

<sup>45</sup> Ver Brown (1972, p. 121-132) e página 25.

No trecho subsequente, temos a recepção do imperador ao tratado proposto pelos visigodos:

Assim que Valente soube disso, parabenizou-os, aceitando de bom grado com uma proposta que ele mesmo gostaria de fazer, acolheu os Getas da região de Mésia, colocando-os como uma muralha defensiva de seu próprio reino contra invasores de outros povos. E, como naquela época o imperador Valente, dominado pela heresia dos arianos, havia mandado o fechar todas as igrejas de nosso culto, enviou-lhes pregadores de sua seita que, assim que chegaram, imediatamente derramaram o veneno de sua heresia entre esses homens rudes e ignorantes. Assim, os visigodos foram convertidos não ao cristianismo, mas ao arianismo. (JORDANES, *Getica*, XXV, 132).

Aqui vemos claramente as intenções de Valente em aceitar os termos proposto no acordo, uma vez que esse beneficiaria o poder do imperador de duas maneiras: Militarmente, pois, ao ceder a região da Mésia para essas populações góticas, o imperador teria um efetivo militar a sua disposição para proteção de seu território.<sup>46</sup> E religiosamente, pois com os visigodos se disponibilizando a tornarem-se cristãos, o imperador teria mais adeptos a sua crença. E também, conforme aponta Frighetto (2011, p.119), serviria “[...] a utilização do Cristianismo, por parte da autoridade imperial romana, como via de condução dos godos a *civilitas*”. Ou seja, quando os visigodos se propõem a se tornarem cristãos, eles estão buscando chegar a um ideal civilizatório romano, em outras palavras, *civilitas*. Podemos pensar essa situação a partir de dois cenários, o primeiro como forma de ascensão de poder desses líderes visigóticos, pois uma vez cristão, esses indivíduos estariam com os elementos que conduziram ao poder. Por outro lado, ao conduzirem essas populações góticas a *civilitas*, seria uma forma dos romanos de controlá-los e manter seu poder, já fragmentado no Ocidente.

No entanto, esse mesmo excerto é interessante, pois o historiador, externa um contexto do período, que é os conflitos entre as vertentes do cristianismo, já que o arianismo era considerado uma heresia dentro do cristianismo. Uma das grandes características deste culto, a qual tornava herética, conforme nos explica Sartin (2019, p.3-4), era o fato de que os “arianos rejeitavam a doutrina da *homoousia*, afirmando que O Filho, por ter vindo do Pai, não poderia tomar parte completamente em sua natureza”. Ou seja, Jesus Cristo e Deus não poderiam ser considerados a mesma essência. Outro ponto é que “Jordanes apesar de ter ancestrais godos era católico”. (SARTIN, 2019, p.7). O que faz toda diferença na análise deste trecho, uma vez que o autor faz críticas diretas ao arianismo, onde coloca o imperador Valente como responsável direto pelas séries de perseguições ao culto ortodoxo. Assim como a

---

<sup>46</sup> Frighetto (2011, p.110), comenta que originariamente, que os bárbaros eram externos ao mundo romano e que foram estabelecidos nos territórios imperiais como *dediticii* – aliados de Roma desde finais do século III e primórdios do século IV.

propagação do arianismo entre as populações góticas, que na visão do nosso autor foi um “veneno” para esses povos, a qual os descrevem como “homens ignorantes e rudes”. Esse é um dos poucos momentos que Jordanes descreve diretamente um comentário sobre determinado povo gótico enquanto indivíduos, pois normalmente em sua escrita, o autor busca falar dessas populações a partir de seus líderes. Porém, aqui vemos claramente mais um ataque ao arianismo e ao Imperador Valente, do que uma depreciação aos visigodos em si. O que pode ser observado é que Jordanes coloca os visigodos como vítima, ou seja, como expostos e desconhecedores das más intenções do imperador e de seu culto herético. Por outro lado, essa situação externada neste fragmento reflete um outro ponto no que diz respeito a identidade desses grupos góticos, que é a partir da distinção entre bárbaros e romanos. Tais elementos, vimos em Patrick Geary, no tópico 2.3.1, página 31, quando o autor comenta sobre as mudanças da noção de ser bárbaro neste espaço romano, que nesse contexto, seria aquele que não é ortodoxo. Nesta ótica, os visigodos seriam bárbaros, uma vez que “o arianismo constituía o segundo elemento da identidade gótica”. (GEARY, 2005, 153). E também, porque era uma das formas que esses grupos se utilizavam para se diferenciar dos católicos romanos, e, que, ao mesmo tempo gerava conflitos, pois era um fator que impedia a união desses dois povos.<sup>47</sup>

Todavia, ao mesmo tempo em que Jordanes nos apresenta um povo vulnerável ao arianismo, nosso autor exalta os feitos dos visigodos, como podemos ver a seguir:

Estes valorosos homens encontraram então a oportunidade que tanto procuravam e, preferindo morrer na guerra a morrer de fome, pegaram em armas para destruir os generais Lupicínio e Máximo. Foi realmente aquele dia que pôs fim à fome dos godos e à tranquilidade dos romanos, e os godos começaram a dar ordens aos seus senhores não como fugitivos e estrangeiros, mas como cidadãos e senhores, sujeitando os territórios do norte ao seu domínio, para o Danúbio. (JORDANES, *Getica*, XXVI, 137).

Este trecho é referente ao conflito entre romanos e visigodos, que seria uma resposta gótica frente à situação adversa em que os mesmos passaram nos primeiros anos de estabelecimento em terras imperiais. Pois aqui vemos a valorização do autor sobre o feito dos visigodos, valorizando, sobretudo, a determinação e a atitude de sair dessa situação difícil, nem que para isso tivesse que pegar em armas, em nenhum momento ele “demoniza” tal povo ou coloca como uma situação apocalíptica. Mas sim o autor coloca esses atos como uma

---

<sup>47</sup> Um exemplo disso é quando Patrick Geary comenta que: “Quando o rei gótico abandonou o arianismo, esses dois “povos” puderam se unir”. (GEARY, 2005, p. 156).

consequência das atitudes dos romanos em negligenciar auxílio aos visigodos, deixando-os vulneráveis.

No entanto, essa situação nos leva a seguinte indagação quanto à escrita do Jordanes neste fragmento, pois se partirmos do pressuposto que o historiador atende aos interesses dos romanos, por que nesse trecho bem emblemático ele não foi crítico as atitudes dos visigodos nesse saque? O primeiro ponto para ajudar a pensar essa questão, é colocada por Coelho e Formentini (2016, p. 43), na qual, os autores partem do princípio de que possivelmente houve uma “[...] tentativa da parte de Jordanes de minimizar o quanto fosse possível a responsabilidade dos visigodos pelo saque de Roma. Portanto, tal ação foi uma resposta uma legítima defesa contra a intransigência de Estilício e a dubiedade da corte imperial”. Argumentos os quais tendemos a concordar e nos leva a um segundo ponto, pois estamos falando de povos já integrados ao Império Romano, então não faria sentido pensarmos esse saque enquanto um ato de invasão ou intenção deliberada de destruição de Roma. Tal situação lembra o que vimos nas leituras de Walter Pohl, no tópico anterior, na página 30, quando comentado que essas situações eram mais fruto de uma rebelião desses grupos não romanos do que uma invasão propriamente dita, uma vez que eles eram federados. Em linhas gerais, esse mesmo evento vai ter sua importância, uma vez que os visigodos mudam seu *status*, porque a partir do episódio de Adrianópolis e do Saque de Roma, em 410 “[...] os romanos não puderam mais tratar esses godos como derrotados e subjugados”. (GEARY, 2005, p. 120).

No trecho referente à visita do rei visigodo Atanarico a Constantinopla, capítulo XXVIII, parte 143 da obra, Jordanes aborda sobre o quanto o rei visigótico ficou impressionado e encantado pela cidade, ao ponto de que o líder teria exclamado: “O imperador é sem dúvida um Deus na terra, e quem levanta sua mão contra ele deve pagar com seu próprio sangue”. (JORDANES, *Getica*, XXXVIII, 143). Nesta frase do líder visigodo, podemos notar uma exaltação de Atanarico à figura do imperador, mas também nos leva a refletir as intenções de Jordanes em colocar essas populações góticas como subordinadas do imperador e de seus interesses. Isso porque, “[...] sendo Jordanes súdito de um imperador romano, não faria sentido que sua história apresentasse os godos como iguais aos romanos [...]”. (SARTIN, 2019, p. 7).

O próximo trecho da obra é sobre a proposta de Alarico ao imperador Honório de estabelecimentos dos visigodos na Península Itálica.

[...] Efetivamente, quando o exército dos visigodos localizado nas proximidades desta cidade, enviou uma legação ao imperador Honório, que estava no interior,

dizendo-lhe que se permitisse que os godos se instalassem pacificamente na Itália vivendo com os romanos como se fossem um só povo, mas se ao contrário não concordassem, lutariam e aquele que fosse mais forte expulsaria o outro e viveria em paz governando como vencedor. Mas o imperador Honório, temendo ambas as propostas, e depois de buscar opinião do Senado, estava estudando um plano para expulsar os godos da Itália. (JORDANES, *Getica*, XXX, 152).

Este fragmento é interessante, pois ele dialoga com o primeiro trecho observado, isto é, o capítulo XXV.131, página 33, na medida que, em ambos os trechos abordam sobre os tratados entre romanos e visigodos. E, novamente, externa a disposição dos visigodos em fazer parte desse espaço romano, porém, desta vez, a proposta de Alarico é ainda mais ousada, ao propor que romanos e godos possam viver juntos como “um só povo”. Essa associação entre os dois povos que podemos observar em diversos momentos da obra teria sentido se levarmos em consideração que: “Para Jordanes era muito conveniente inserir tais palavras na boca dos embaixadores, pois uma das intenções deste autor em escrever a *Gética* é celebrar a incorporação dos godos ao Império”. (GOFFART, 2009, p. 83 apud COELHO; FORMENTINI, 2016, p. 42).<sup>48</sup> Porém, diferente do primeiro relato, em que o imperador Valente, inicialmente via com bons olhos a vinda dos visigodos nas províncias imperiais, desta vez, neste segundo excerto, os romanos se mostram mais receosos e incomodados com a presença gótica na Itália. Essa situação externada por Jordanes em sua obra nos possibilita observar algumas coisas, primeiro, a incapacidade dos romanos de expulsar a presença bárbara na região e em outras províncias.<sup>49</sup> Nesse sentido, Renan Frighetto (2012, p.142) comenta um pouco a respeito dessa situação, ao dizer que a:

A presença de vários usurpadores na Gália e a necessária aliança com os godos de Ataúlfo aparecem como claros indícios da incapacidade e inoperância militar e administrativa do imperador Honório sobre uma considerável parcela das províncias imperiais romanas ocidentais. Sinal evidente dos graves problemas institucionais e de reconhecimento regional da autoridade imperial romana ocidental e, de forma simultânea, do tendente fortalecimento da realeza romano-bárbara, especialmente na perspectiva político-ideológica, naquele ambiente espacial.

Que no fim, conforme mencionado pelo historiador no trecho 153, do capítulo XXX, acabou por Honório em aceitar o acordo de paz de Alarico e seu povo, concedendo assim aos

<sup>48</sup> É importante relembrarmos que: “A *Gética* foi escrita logo após a conquista do Reino Ostrogodo pelas tropas de Justiniano” (COELHO; FORMENTINI, 2016, p. 42).

<sup>49</sup> Frighetto (2012, p.142) e Silveira (2015, p. 85), também fazem constatações parecidas, ao comentarem sobre essa fragilidade do poder e inoperância militar no Ocidente.

visigodos as regiões da Gália<sup>50</sup> e Península Ibérica, regiões essas que já estavam devastadas e vulneráveis após as invasões dos vândalos, de Genserico.

A segunda questão a se analisar neste trecho é o caráter pacífico em que os visigodos buscavam a partir das intenções de seu líder Alarico de se estabelecerem na Itália por meio deste tratado, isso vai ao encontro ao que é proposto por Walter Goffart em sua visão de formação de identidade. Pois um dos pontos centrais de sua obra, e, que também vimos no tópico anterior, de que a instalação dos povos bárbaros em território romano se deu por meios “pacíficos”, a qual Goffart denomina de “acomodação”. Ou seja, para o autor, isso ocorreu enquanto: “[...] um processo ostensivamente pacífico e tranquilo: como a parafernália do governo romano, tanto militar quanto civil, foi usada e adaptada quando, no século V, vários povos bárbaros se estabeleceram em solo provincial”. (GOFFART, 1980, p. 3). Nessa ótica, assim como também comenta Boy (2019, p.5) “[...] os godos não teriam invadido a Itália e tomado o poder pela força, mas, ao contrário, teriam ali se instalado por um longo processo de migrações e instalação desses grupos junto às províncias romanas”.<sup>51</sup>

No próximo fragmento, temos o relato referente às ordens de Alarico ao chegar a Roma para saquear a cidade, como podemos ver a seguir:

“Finalmente, eles entraram em Roma e Alarico dá ordens para que apenas o saquem, mas não permite que incendeie, como costumam esses povos, nem que qualquer afronta seja cometida contra qualquer coisa encontrada nos lugares sagrados [...]”  
(JORDANES, *Getica*, XXX, 156).

Nessa parte vemos duas situações, primeiro, a valorização de Jordanes à figura de Alarico, onde o autor nos mostra o líder visigodo bastante respeitoso quanto à população local e aos lugares sagrados da cidade. Porém, já na segunda situação, o historiador mostra surpresa em relação à atitude de Alarico e seus soldados. Mas também revela que mesmo sendo de origem gótica, Jordanes carrega uma visão parecida com a dos autores greco-latinos do bárbaro, a qual generaliza e categoriza esses povos não romanos.<sup>52</sup> Como podemos ver nesse trecho, quando o autor diz que: “[...] Mas não permite que seja queimado, como costumam esses povos”. (JORDANES, *Getica*, XXX, 156). Portanto, aqui vemos uma situação paradoxal, pois ao mesmo tempo em que Jordanes valoriza à figura do líder visigodo como

---

<sup>50</sup> Pelos serviços prestados o imperador Honório, por volta de 418, cedeu ao rei godo um trecho de terra que se estendia pela área do rio Garona, desde o Atlântico até o sul de Toulouse, na próspera província da Aquitânia (SILVEIRA, 2015, p. 85).

<sup>51</sup> Essa é uma das hipóteses utilizadas por Goffart em sua obra (BOY, 2019, p. 5).

<sup>52</sup> Tal noção, vimos anteriormente em Patrick Geary, na página 32, quando o autor trabalha a noção do que é ser bárbaro dentro deste espaço romano.

um “culto”, “civilizado” e “respeitoso as tradições romanas”. Por outro lado, o mesmo não é visto pelas populações subordinadas a Alarico, a qual o autor os generaliza, com base na figura do bárbaro clássico. Isto é, “[...] aquele povo que, frente aos romanos, foram considerados “bárbaros”, ou seja, violentos, destruidores, cupidos”. (AMARAL, 2014, p. 10). Em outras palavras, o que temos aqui nesse trecho são generalizações de indivíduos que não pertencem ao padrão romano.

O próximo fragmento que veremos a seguir, Jordanes comenta sobre um efeito causado pela chegada dos visigodos na Gália e na Hispânia:

Quando chegaram ali, os povos vizinhos começaram a sair de seus territórios, tanto os francos quanto os burgúndios, que devastaram tão cruelmente a Gália em tempos passados. Por sua vez, os vândalos e os alanos, que, como dissemos acima, se assentaram nas duas Panônias com o consentimento dos imperadores, pensaram que não iam estar seguros se os godos voltassem para lá por causa do medo que eles inspiravam, e passaram para as Gálias. (JORDANES, *Getica*, XXXI, 161).

A primeira coisa que podemos notar aqui é que segundo o autor, essa chegada vai ocasionar o isolamento de imediato dos povos que já habitavam respectivamente essas duas regiões do império. Neste trecho é um dos poucos momentos em que o autor transparece um caráter negativo sobre os visigodos, pois além do isolamento, o autor coloca que a chegada dessas populações gerou medo e insegurança por parte dos habitantes daquelas províncias. Outro ponto a se destacar neste fragmento, é que assim, como mencionado em trechos anteriores, o historiador, novamente externa a fragilidade do Império do Ocidente e de seus governantes, que eram incapazes de proteger esses territórios frente aos assédios dessas populações não romanas. Por conseguinte, acabavam por se estabelecer nessas províncias com o consentimento desses imperadores.

O trecho a seguir é referente à resposta do rei Teodorado a legação enviada pelo imperador Valentiniano no combate aos hunos:

O mais prudente que podes fazer, já que sois o mais corajoso dos povos, é unir-vos a nós contra o tirano universal que deseja sujeitar o mundo inteiro à escravidão, que não precisa ter motivos para declarar guerra e que considera legítima todos os seus atos. Ele mede sua ambição com seu próprio braço e satisfaz seu orgulho com uma absoluta permissividade; desprezando a lei humana e divina, mostra-se inimigo até da própria natureza. Por isso, merece o ódio de todos, pois ele mesmo se reconhece como inimigo do mundo inteiro. (JORDANES, *Gética*, XXXVI, 187).

Essa descrição sobre os visigodos acaba sendo interessante, pois o historiador usa de um jogo de narrativas para falar do embate da aliança romano-visigótica contra os hunos,

colocando Atila como “tirano universal” e que a aliança entre esses dois povos como a solução para “acabar com essa tirania”. Ou seja, “Átila foi transformado num modelo de bárbaro feroz, no qual os romanos não poderiam confiar, em oposição aos godos, que seriam nobres<sup>53</sup> e moderados”. (SARTIN, 2019, p.20). Tais falas também nos ajudam a refletir um dos nossos objetivos de pesquisa, que seria pensarmos como Jordanes pensava essa relação romano-visigótica? Pois o que podemos notar novamente aqui é que os visigodos são colocados pelo autor como força militar, usada para combater os hunos. O que faria sentido, já que estamos falando de um povo federado a serviço de Roma e também se levarmos em consideração a situação militar do Império Romano naquele período, que já não tinha a mesma eficiência e profissionalismo de outros tempos, e que, paralelamente tinha que lidar com outras questões. Conforme nos explica Marcelo Cândido da Silva (2005, p.20), havia uma necessidade de se ter um efetivo militar no exército romano, internamente, por causa das exaustivas guerras civis e externamente, para a proteção de suas fronteiras ocidentais e orientais, além de lidarem com o despovoamento de suas províncias. Por outro lado, essa valorização dessas populações góticas e ao mesmo tempo sua descrição na obra como forças auxiliares do exército romano teria um objetivo específico, que perpassa pelos interesses do autor e a situação política no período em que a obra foi escrita. Por exemplo, Gustavo Henrique Soares de Souza Sartin, parte da hipótese, a qual tendemos a concordar, na qual diz que: “[...] embora os romanos estejam numa guerra contra os ostrogodos na Itália, o povo godo é nobre e valoroso, diferentemente de todos os outros povos bárbaros, de modo que pode ser útil aos romanos por sua valentia e capacidade militar”. (2019, p.94).

Uma coisa que chama atenção na obra é que Jordanes, em muitos momentos de sua narrativa, o autor descreve uma diversidade de povos nas composições dos exércitos romanos e de outros povos bárbaros. Vejamos alguns trechos. O primeiro fragmento é referente às tropas de Aécio, na batalha contra os hunos, nos Campos Cataláunicos<sup>54</sup>:

[...] Em efeito, os romanos foram unidos como tropas auxiliares pelos francos, sármatas, armoricanos, litcianos, borgonheses, saxões, ripuários<sup>55</sup> e olibrios, que em outros tempos, já foram soldados romanos, mas que então eles foram convocados

<sup>53</sup> Vimos isso em (JORDANES, *Getica*, XXX, 156), quando o autor evoca essas qualidades na figura de Alarico.

<sup>54</sup> Os Campos Cataláunicos estão localizados em Châlons-sur-Marne, perto de Troyes. A designação de Mauriacos que Jordanes também lhes atribui também nos faz pensar em Merysur Seine como o local de celebração dessa batalha (MARTIN, 2017, p. 235-236).

<sup>55</sup> Martin (2017, p. 235), ao citar Bettrage (1975, p. 15-19), comenta que segundo alguns estudiosos, os ripuários e os olibrios formariam o mesmo povo, o dos *Liberi Ripanenses*, e a confusão com dois povos diferentes teria ocorrido como consequência de um mal-entendido por Jordanes do texto da História Perdida de Cassiodoro. O termo "livre" referir-se-ia, neste caso, ao estatuto jurídico dos ripuários que lutaram nos Campos Cataláunicos em 451.

apenas como auxiliares, assim como alguns outros povos celtas e germânicos. (JORDANES, *Getica*, XXXVIII, 191).

Já o segundo fragmento seria a descrição de Jordanes sobre a composição do exército de Átila nessa mesma batalha:

[...] As tropas hunas, por sua vez, estavam organizadas de maneira bem diferente; Átila foi colocado no centro com os seus homens mais corajosos. Com esta disposição, este rei preocupou-se, sobretudo com a sua própria segurança, visto que estando colocado entre os mais escolhidos das suas tropas, estava livre do perigo mais iminente. [...] As asas de seu exército eram compostas por uma multidão de povos de várias raças que ele havia submetido à sua autoridade (JORDANES, *Getica*, XXXVIII, 198-199).

Essa estrutura poliétnica que podemos observar na obra, a partir desses trechos, são um dos pontos apresentados por Walter Pohl, a qual, já vimos no tópico anterior ao pensar a heterogeneidade étnica dos exércitos desses povos no período tardo-antigo. Ou seja, na prática, para Pohl (2003, p.37), esses grandes efetivos militares eram de diferentes etnias, que acabavam sendo incorporados ao povo a qual serviam. Um exemplo disso, é quando Jordanes aborda sobre a incorporação do exército visigótico as forças militares do império, como podemos ver a seguir:

Com a morte de Atanarico todo o seu exército continuou a servir ao imperador Teodósio e por ordem do Império formou um único corpo, por assim dizer, com o exército romano, recuperando assim o contingente de federados anteriormente instituído por Constantino, que continuaram a se chamar também de “Federados” [...]. (JORDANES, *Getica*, XXVIII, 145).

Ademais, Walter Pohl usa o caso dos lombardos na Itália, como exemplo, ao comentar que eles vão: “incorporando gópidas, suábios e alamanos, búlgaros, saxões, godos, romanos e outros”. (POHL, 2003, p.37). Essa mesma lógica é aplicada aos visigodos, que em sua construção de identidade foram absorvendo elementos<sup>56</sup> de outros povos, a partir do seu exército heterogêneo. Essa mesma lógica é aplicada aos visigodos, que em sua construção de identidade foram absorvendo elementos<sup>31</sup> de outros povos a partir do seu exército heterogêneo. Nesse sentido, Geary (2005, p. 120-121), ao comentar sobre essa construção identitária visigótica, o autor comenta que:

---

<sup>56</sup> Os visigodos se adaptaram rapidamente às táticas de cavalaria utilizadas pelos greutungos, alanos e hunos em suas campanhas contra Valente, transformando-se em cavaleiros extremamente hábeis, na tradição dos guerreiros das estepes (GEARY, 2005, p. 120-121).

“Os visigodos seriam o resultado da união dos teruvíngios e seus aliados, que teria resultado na transformação de um bando heterogêneo de refugiados em visigodos, um novo povo com uma nova identidade político-cultural”.

Portanto, embasados na análise da *Gética* que foi feita neste capítulo, o que se pode observar é que não dá para pensarmos essa formação de uma identidade visigótica em Jordanes no sentido de uma unificação de vários indivíduos que se identificam com a mesma cultura. Em nossa leitura, ela parte de uma construção sócio-política, que é maleável e vai sendo constituída progressivamente, a partir dos interesses de seus líderes. Nesse sentido, a dois caminhos para pensarmos quem seriam esses líderes interessados pelas descrições dessas populações góticas na *Gética*. A primeira seria o próprio Justiniano, imperador bizantino do período em que a obra foi escrita, pois para ele era mais interessante construir uma narrativa dos godos enquanto subordinados do poder imperial e no fim, uma história de triunfo sobre tais povos. Já o segundo caminho seria a partir desses líderes visigodos descritos por Jordanes, com ênfase nas figuras de Alarico, Ataúlfo, Teodoro e Turismundo, importantes na consolidação do poder no Ocidente e na formação do reino visigodo na Península Ibérica e na Gália. Mas, que ao mesmo tempo, buscavam se ligar ao Império Romano, devido à sua importância ainda nos séculos V e VI e sua tradição.

Por outro lado, ela também diz muito sobre quem está escrevendo sobre esses povos. Nesse sentido, é inevitável não esbarrarmos nos questionamentos de quem é Jordanes e suas intenções com a escrita desta obra. A figura de autor, conforme é pontuada por Martín (2017, p. 7) é carregada de mistério e obscuridade, uma vez que não se tem muitas informações sobre sua vida, mas o pouco que se sabe sobre Jordanes nos possibilita interpretá-lo de diversas maneiras. Uma dessas possibilidades é olhar o historiador tardo-antigo a partir do viés político, esse é um caminho plausível para entendermos suas intenções em suas narrativas. Desde o início de sua trajetória ele está inserido neste espaço de disputas de poder e de aspirações sociais, inicialmente a serviço de um líder ostrogodo, como secretário e tempos depois com um cargo de alta importância, como mestre de soldados, já em Constantinopla.<sup>57</sup> Jordanes vem de uma família que há gerações servia líderes locais, Martín (2017, p. 8) e Sartin (2019, p. 6), por exemplo, mencionam que seu avô paterno servia um líder alano, de nome Alanoviamuth. Diante dessa situação é natural pensarmos que suas motivações estão voltadas a ascensão de poder, ou até mesmo uma forma de ter prestígio. Isso reflete até mesmo na escolha de uma de suas principais referências de fonte, isto porque a obra de

---

<sup>57</sup> Ver em Sartin, (2019, p. 6) e também na página 15.

Cassiodoro, possível fonte para a escrita da *Gética*, passava credibilidade, já que originalmente era escrita em grego, que politicamente era importante, pois revelava a autoridade do autor naquele espaço. Essa escolha não é por acaso, o uso da obra de Cassiodoro denota a situação de alguém que precisava de legitimação para garantir autoridade e credibilidade de sua obra. Pois estamos falando de um autor estrangeiro, que apesar de transitar por esses dois mundos, não pertence a um espaço bizantino e tão pouco gótico.

Um outro ponto para refletir as intenções de Jordanes na criação desta obra, pois a quem interessaria a escrita de uma história gótica? Certamente não seria essas populações góticas o alvo, já que a escrita da obra diz mais respeito sobre as aspirações sociais de Jordanes e para quem o autor está escrevendo<sup>58</sup>. Uma vez que essa celebração dos povos godos é muito mais uma perspectiva que atende aos interesses bizantinos, do que a unificação de indivíduos que se identificam como visigodos, ostrogodos, etc. Pois no período em que a *Gética* foi escrita esses reinos góticos estavam lidando com outras preocupações, exemplo do reino visigótico, que estava com questões internas para resolver na Península Ibérica e os ostrogodos na Itália, que estavam em conflito contra os próprios bizantinos. Vale ressaltar que mesmo sendo de origem gótica, Jordanes escreve de um local distinto a qual esses povos estão inseridos, diferentemente de outros autores do período que aborda os visigodos, como Idácio de Chaves, Isidoro de Sevilha e Procópio de Cesárea. O que torna problemática sua obra, no sentido que temos mais interpretação, com base em compilação de outros autores, como bem lembrado por Walter Goffart<sup>59</sup>. Mas também ao mesmo tempo tendenciosa, no sentido de que em muitos momentos podemos identificá-la como um conteúdo propagandista do Império Bizantino.

Portanto, pensando numa formação de identidade visigótica, estamos lidando com uma construção complexa e fluída de interação entre esses povos, de uma construção, que parte muito mais das intenções desses líderes<sup>60</sup> góticos, do que a identificação de vários indivíduos em torno de uma única cultura. Ou seja, é uma construção histórica sócio-política.

---

<sup>58</sup> Entendemos aqui como público alvo a corte do Imperador Justiniano e a aristocracia bizantina da época.

<sup>59</sup> Ver em Goffart, (1988, p.62) e também na página 16.

<sup>60</sup> Geary (2005, p. 96), fala sobre esses líderes carismáticos bárbaros, que eram grandes fatores de unificação de uma identidade política e religiosa. Uma campanha vitoriosa confirmava seu direito à liderança e aumentava o número de pessoas que aceitavam e compartilhavam de sua identidade. Um líder carismático podia significar o início de um povo. Todavia, ao mesmo tempo, caso os mesmos fossem derrotados, a depender dos casos, significaria o fim desse povo. Já que segundo o autor, essas populações derrotadas poderiam se vincular a outros povos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recapitulando, nosso trabalho focou entender a passagem da Antiguidade para Idade Média, onde a partir disso, procuramos compreender essa transição a partir da formação de identidade entre os séculos V e VI. Desta maneira, como forma de delimitar nossa pesquisa, optamos por entender esses processos a partir das relações entre os romanos e visigodos, utilizando obra do século IV, a *Gética* de Jordanes enquanto fonte.

Em relação aos objetivos de pesquisa que colocamos inicialmente e que norteou a análise de nossa fonte, feita no tópico 3, buscamos responder a partir de dois pontos. O primeiro deles seria identificarmos uma possibilidade de formação de identidade visigótica a partir de Jordanes. Nesse sentido, identificamos como uma construção sócio-política, que responde às necessidades e interesses de seus líderes. Pois na obra vemos os visigodos num primeiro momento, vulneráveis em decorrência das invasões hunas, que diante dessa instabilidade, tiveram que se adaptar a esta nova realidade, ao se aliarem com os romanos, a partir dessa série de tratados. Por conseguinte, vai ocasionar mudanças graduais em sua identidade, a qual, os visigodos, aos poucos, foram se desfazendo de suas antigas tradições, se romanizando. Nesse sentido, o autor nos apresenta os visigodos enquanto um grupo coeso, deixando essas características clássicas de bárbaros que vemos corriqueiramente na historiografia e que a partir do contato com os romanos vão incorporando os elementos políticos-institucionais desses, assim como modo de vida e religião. E que a partir dos seus tratados e vitórias militares vão se consolidando ainda mais como uma grande força no Ocidente.

Já ao analisarmos as representações dos visigodos na *Gética*, vemos no geral uma grande exaltação por parte de Jordanes sobre os feitos dessas populações, onde o autor procura abordar suas qualidades e virtudes. Até mesmo nos poucos momentos em que o autor critica os visigodos, pode-se perceber que Jordanes relativiza tais ocorridos, não desqualificando esse povo ou fazendo um julgamento de valor. Diferentemente do que vemos, por exemplo, quando o autor descreve sobre os hunos e outros povos<sup>61</sup> em sua obra. Sendo assim, o que deixa transparecer é que essa herança gótica de Jordanes acaba por influenciar em sua narrativa, pois, “ele procura, assim, colocar os visigodos (e, por extensão, os godos de modo geral), num patamar especial, no qual estão apenas os romanos”. (SARTIN, 2019, p.

<sup>61</sup> Um exemplo disso é no trecho 177, do Capítulo XXXIV em que Jordanes coloca os suevos como povos “orgulhosos” e francos como “selvagens”.

94). No entanto, mesmo que Jordanes buscasse exaltar essas populações em suas narrativas, devemos levar em consideração que estamos lidando com uma obra que pertence à historiografia bizantina, e que naquele período, século VI, como já mencionado anteriormente, estava guerreando contra o reino ostrogodo na Itália. Diante dessa situação, mesmo que esses povos góticos fossem mais poderosos belicamente, não era prudente colocá-los forças como superiores. Então o que se tem é um esforço do autor em vincular os visigodos, como forças auxiliares a serviço de Roma, mas que ao mesmo tempo, seriam aqueles que poderiam suceder o poder imperial.

De modo geral, o balanço final dessa análise é positivo, nossa pesquisa é um primeiro esboço o qual acreditamos que possa ser evoluído e lapidado através de uma dissertação, ou quem sabe uma tese. Nossos objetivos, assim como as hipóteses iniciais foram alcançadas e pode ser corroboradas com os trechos da parte II da *Gética* e também com base nas discussões feitas ao longo da pesquisa, a partir dos conceitos de “Antiguidade Tardia” e “Identidade”, que foram importantes para responder essas questões propostas inicialmente. O primeiro conceito foi importante para compreender o período, onde buscamos fazer uma construção do mesmo a partir da obra: *The World of Late Antiquity: From Marcus Aurelius To Muhammad (1971)*, de Peter Brown. Com base em sua obra podemos entendê-lo cronologicamente, como um período que vai dos séculos III ao VIII e como um longo processo de transformação, que tem como eixos centrais dessas alterações o cristianismo e presença bárbara no Ocidente romano. Tal conceito pode ser aplicado na *Gética*, uma vez que na obra, Jordanes nos apresenta, como mencionado anteriormente, essas populações góticas num longo processo de transformação, deixando para trás suas características iniciais, se romanizando, ao fazer parte deste espaço romano. Esses elementos mencionados nos levam ao outro conceito. Pois quando buscamos pensar o conceito de identidade na ótica de autores como Patrick Geary, Walter Goffart e Walter Pohl, fomos apresentados a diversas perspectivas historiográficas, que buscaram pensar essas construções identitárias tardo-antiga. Ao escolher uma dessas perspectivas elas foram fundamentais no sentido de nos guiar e servir como base na análise da *Gética*, além de auxiliar na reflexão de diversos pontos encontrado nesses fragmentos da obra.

A pesquisa em si foi um processo longo e exaustivo, principalmente no que diz respeito à redação do texto. No entanto, ao longo desta etapa, algumas situações se mostraram desafiadoras, a começar pela delimitação do tema e seu recorte temporal, pois os estudos sobre este período é muito amplo e fácil de desviar o foco do objetivo de pesquisa. São situações que inicialmente são penosas, principalmente no contexto de alguém que esta

iniciando seu processo de pesquisa. Outra situação que foi bem desafiadora nesta pesquisa foi em relação a idioma, uma vez que temáticas da Antiguidade, a maioria dos principais estudos deste período estão em outras línguas, a qual não dominamos, o que, por conseguinte, limitou de certa maneira o enriquecimento temático deste trabalho. A própria fonte, originalmente estava em latim, os principais referenciais eram em inglês e em espanhol, o que fez que utilizássemos de versões traduzidas ou ferramentas que pudessem traduzir estes textos. Todavia, mesmo com essas barreiras, os referenciais utilizados nesta pesquisa foram vitais para nos auxiliar tanto na questão dos conceitos, quanto na análise de nossa fonte.

Sobre nossa pesquisa e suas possibilidades, o estudo sobre os godos e suas derivações nos possibilita alguns caminhos, tanto em relação ao direcionamento temático, quanto às fontes. Nossa pesquisa é só mais uma dessas possibilidades, o qual, optamos ir para um direcionamento de análise a partir do viés político e ter como fonte Jordanes. No entanto, é possível pensar a relação dessas populações góticas com os romanos, por exemplo, a partir da religião, uma vez que o cristianismo teve um papel importante nessa definição do que é ser um godo<sup>62</sup> e em sua distinção em relação ao mundo romano. Os embates entre a ortodoxia e as heresias cristãs, oferece rica discussão no que diz respeito a uma construção de uma identidade gótica tardo-antiga, além de uma opção dentro dos estudos sobre o cristianismo nesse período. As relações entre os povos bárbaros e os romanos, no Ocidente, também possibilita pensar a formação de identidade neste período, a partir dos estudos sobre outros povos. Exemplo dos francos na Gália, que pensando numa herança de poder imperial romano, é um excelente caminho de pesquisa ou mesmo os Lombardos na Itália. Na própria leitura da *Gética*, as relações com os hunos<sup>63</sup>, nos fizeram refletir sobre um caminho interessante de pesquisa, tanto no campo militar, político e cultural.

Já em relação à fonte, a *Gética*, apesar dela nos responder nossos objetivos de pesquisa, no geral nos trouxe mais questionamentos do que uma resposta definitiva, seja pela própria figura de Jordanes, que é cercada por controvérsia e questionamentos, quanto a suas intenções na escrita da obra. O que exige uma análise mais ampla e complexa, coisa que o tempo limitado de um trabalho de conclusão de curso não abrangeria. Nesse sentido, pensando estas questões, em futuros trabalhos e também num aprofundamento sobre os estudos dos visigodos ou/e outros povos góticos, seria interessante uma análise comparativa

<sup>62</sup> Tal ponto é discutido na página 36.

<sup>63</sup> Nesse caso, como indicações iniciais, temos duas leituras de Otávio Luiz Viera Pinto, o primeiro, intitulado: *Vir in convssione gentium natvs in mvndo. Proposições acerca do poder régio entre Átila e os hunos no séc(2009)* e o segundo texto: *Átila, Rei dos Ostrogodos? Um estudo acerca de Identidades Imaginárias na Antiguidade Tardia (2013)*.

da *Gética*, com outras obras do período e autores que estão geograficamente mais próximo dessas populações. Como por exemplo, na Península Ibérica de Idácio de Chaves e sua Crônica, ou Isidoro de Sevilha, em sua *Historia de regibus Gothorum, Vandalorum et Suevorum*.<sup>64</sup> São possibilidades bastante promissoras e que ampliaria ainda mais a noção sobre os godos e suas representações nessas fontes.

---

<sup>64</sup> *História dos reis dos Godos, Vândalos e Suevos.*

## REFERÊNCIAS

### *Fonte*

JORDANES. **Origen y gestas de los godos**. In versão espanhola. MARTIN, J. M. S. Madri, *Titivillus*, 2017.

SARTIN, G. H. S. S. **A História Dos Godos Escrita Por Jordanes: Estudo E Tradução**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em Historia, p.251, 2019.

### *Obras Gerais*

AMARAL, R. **O bárbaro como construto: Uma rediscussão historiográfica das migrações germânicas à luz dos conceitos de cultura, civilização e barbárie**. Revista de História Comparada, v. 8, n. 2, p. 6-28, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4924202>. Acesso em: 10 Fev. 2020.

BOY, R.V. **As relações políticas entre romanos e bárbaros no Mediterrâneo tardo-antigo**. Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, v. 26, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5740/574069672018/574069672018.pdf>. Acesso em: 06 Out. 2021.

BROWN, P. **O Fim do Mundo Clássico. De Marco Aurélio à Maomé**. Lisboa: Verbo, 1972.

CEBRIAN, J. A. **La aventura de los godos**, La Esfera, Madrid 2002.

CITON, M. **Embates Historiográficos na Antiguidade Tardia: Relevâncias sobre os conceitos de identidade, Etnogênese e Traditionskern**. Revista Cadernos de Clio, v. 4, n. 1, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cli/article/view/40442>. Acesso em: 29 Set. 2022.

COELHO, F. S; FORMENTINI, L. E. **O saque de Roma pelos visigodos: visões tardo-antigas**. Espacialidades, v. 9, p. 35-48, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17772>. Acesso em: 24 Fev. 2020.

DE SOUZA, Jacqueline; KANTORSKI, Luciane Prado; LUÍS, Margarita Antónia Villar. **Análise documental e observação participante na pesquisa em saúde mental.** Revista Baiana de Enfermagem, v. 25, n. 2, p.221-228, 2011. Disponível: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/5252>, Acesso em: 04 Mai. 2023.

FIGUEIREDO, D. **Memória da atuação do imperador Teodósio II na Controvérsia Nestoriana (Séc. V dC).** História (São Paulo), v. 39, p.1-26, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2020053>. Acesso em: 09 Jan. 2023.

FRIGHETTO, R. **A Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (Séculos II – VIII).** Curitiba: Juruá, 2012.

FRIGHETTO, R. **Do Imperium ao Regnum na Antiguidade Tardia: o exemplo do reino hispano-visigodo de Toledo (séculos VI - VII).** História (São Paulo. Online), v. 35, p. 1-22, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/bJDz8qcGBMyt3nTzXvWvYbB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 Jan. 2020.

FRIGHETTO, R. **Religião e política na Antiguidade Tardia: os godos entre o arianismo e o paganismo no século IV.** Revista de História (UFES), v. 25, p. 114-130, 2011. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2546/2042>. Acesso em: 24 Fev. 2020.

GAZZOTTI, D. M. **Em busca de uma identidade romano-bárbara: a emulação das instituições romanas pelas monarquias goda e sueva na primeira metade do século V.** Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos , v. 7, p. 238-249, 2016. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/14534>. Acesso em: 01 Fev.2021.

GEARY, P. J. **O Mito das Nações.** Conrad Livros. 2005.

GOFFART, W. *Barbarians and Romans: A.D. 418 – 584 The Techniques of Accommodation.* Princeton: Princeton University Press, 1980.

GOFFART, W. *The Narrators of barbarian history (A.D.550-800).* Princeton: Princeton University Press, 1988.

GREIN, Everton. **Translatio ad mundus: a transformação do mundo romano e a antiguidade tardia. Elementos teóricos para uma perspectiva historiográfica.** História da

Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, v. 2, n. 3, p. 106-122, 2009. Disponível em:

<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/71>. Acesso em: 10 Fev, 2020.

LAKATOS E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo. Editora Atlas, 2003.

OLIVEIRA, J. C. M. **O Conceito De Antiguidade Tardia E As Transformações Da Cidade Antiga: O Caso Da África Do Norte**. Revista de E. F. e H. da Antiguidade, Campinas, nº 24, jul. 2007/jun. 2008.

OLIVEIRA, R. S. **Do Don ao Danúbio: Uma análise dos etnônios "cita" e "huno" nos Fragmentos de Prisco de Pânio (século V)**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: [https://www.academia.edu/38850615/DO\\_DON\\_AO\\_DANUBIO\\_UMA\\_ANALISE\\_DOS\\_ETNOMIOS\\_CITA\\_E\\_HUNO\\_NOS\\_FRAGMENTOS\\_DE\\_PRISCO\\_DE\\_PANIO\\_SECULO\\_V\\_TCG\\_de\\_Rodrigo\\_dos\\_Santos\\_Oliveira](https://www.academia.edu/38850615/DO_DON_AO_DANUBIO_UMA_ANALISE_DOS_ETNOMIOS_CITA_E_HUNO_NOS_FRAGMENTOS_DE_PRISCO_DE_PANIO_SECULO_V_TCG_de_Rodrigo_dos_Santos_Oliveira). Acesso em: 10 Jan. 2023.

MANTEL, Marcela. **Visigodos: mitos de origen y problemas de ethnogésis**. Estudios de historia de España, v. 19, n. 1, p. 9-36, 2017. Disponível em: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/visigodos-mitos-origenetnogenesis>.

Acesso em: 5 Out. 2022

MACHADO, C. **A Antiguidade Tardia, A Queda do Império Romano e o Debate sobre o “Fim do Mundo Antigo”**. rev. hist. (São Paulo), n. 173, p. 81-114, jul.-dez., 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2015.105844>. Acesso em 12 Out. 2021.

MAHER, T. M. *Sendo índio em português...*. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado das Letras/FAPESP/FAEP, 2001.

MARTIN, J. M. S (ed.). El autor: perfil biográfico de Jordanes. In: JORDANES. *Origen y gestas de los godos*. Tradução José Maria Sánchez Martin. Madrid, *Titivillus*, 2017, p.7-49.

PINTO, O. L. V. **Vir in concvssione gentivm natvs in mvndo. Proposições acerca do poder régio entre Átila e os hunos no séc. V**. Revista Vernáculo, Curitiba, v. 1, n. 24/24, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/download/20876/13873>. Acesso em: 08 Jan, 2023.

PINTO, O. L. V. **Átila, Rei dos Ostrogodos? Um estudo acerca de Identidades Imaginárias na Antiguidade Tardia.** *História e Cultura*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 318-331, 2013. Disponível em: <https://seer.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1108>. Acesso em: 29 Set. 2022.

POHL, W. **El concepto de etnia en los estudios de la Alta Edad Media**, in LITTLE, L. K. e ROSENWEIN, B. H. (eds.), **La Edad Media a Debate**, Madrid, Akal, 2003, pp. 35-49 (ed. original inglesa 1991).

RUCHESI, F. C. **Identidad y etnogénesis: una aproximación a la problemática de los bárbaros en la Antigüedad Tardía.** *Temas medievales, Corrientes*, v. 20, n. 1, p. 245-276, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/pdf/tmedie/v20n1/v20n1a09.pdf>. Acesso em: 05 Out. 2022.

SARTIN, G. H. S. S. **O surgimento do conceito de “Antiguidade Tardia” e a encruzilhada da historiografia atual.** *Brathair (Online)*, v. 9, n. 2, p.15-40, 2009. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/491>. Acesso em: 10 Jan. 2023.

SILVA, M. C. **A data antes da data: “prenúncios da queda”.** In:\_\_\_\_\_. *A Queda de Roma (04/09/476 d.C.)*. Editora Lazuli, [S. l.], ano 2005, p. 3-38.

SILVA. U. G. **Antiguidade tardia como forma da História.** *Porto Alegre, Anos 90*, v. 16, n. 30, p. 77-108, dez. 2009.

SILVA, D. G. G. ; ALBUQUERQUE, M. C. **Bárbaros e/ou Romanos? Sobre Identidades e Categorias Discursivas.** *Mirabilia (Vitória. Online)* , v. 21, p. 345-359-359, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5332073.pdf>. Acesso em: 23 Mar. 2021.

SILVA, M.C; BAYARD, A; BOY, R. V. **As invasões bárbaras.** *Estado da arte: o cânone em pauta*, [S. l.], 22 de Outubro de 2018. Podcast. 54min. Disponível em: <http://oestadodaarte.com.br/as-invasoes-barbaras/>. Acesso em: 14 mar. 2019.

SILVEIRA, V. C. **Jordanes, Isidoro de Sevilha e a origem dos godos.** In: *Perspectivas de Estudo em História Medieval no Brasil*, 2012, Belo Horizonte. Anais do Workshop realizado nos dias 29 e 30 de setembro de 2011, 2011. v. 1. p. 67-85.

SILVEIRA, V. C. **Reflexões sobre o conceito de “Antiguidade Tardia”**. In: XXVI Simpósio Nacional da ANPUH, São Paulo, v. 50, p. 1-9, 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300808380\\_ARQUIVO\\_1\\_silveira\\_reflexoes\\_sobre\\_o\\_conceito\\_de\\_antiguidade\\_tardia\\_anpuh\\_2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300808380_ARQUIVO_1_silveira_reflexoes_sobre_o_conceito_de_antiguidade_tardia_anpuh_2011.pdf). Acesso em: 26 Out. 2022.

SILVEIRA, V. C. **Os godos na Aquitânia e a Queda do Império Romano Ocidental**. Brathair(Online), v.15, p.83-104.2015. Disponível em: <http://45.71.6.41/index.php/brathair/article/view/1082>. Acesso em: 19 Jul. 2021.

VEYNE, Paul. **Imperialismo Greco-Romano**. Cap.2. Editora Campus. Rio de Janeiro. 2009. p.1-34.